

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

JENNIFER DA SILVA DUTRA

**BLOGUEIRAS NEGRAS: UM ESPAÇO DE ATIVISMO E RESISTÊNCIA DA
MULHER NEGRA**

PORTO ALEGRE

2017

JENNIFER DA SILVA DUTRA

**BLOGUEIRAS NEGRAS: UM ESPAÇO DE ATIVISMO E RESISTÊNCIA DA
MULHER NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito à obtenção do grau de
bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra de Fátima
Batista de Deus

PORTO ALEGRE

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC
(Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado.....
.....
.....,
de autoria de,
estudante do curso de.....
....., desenvolvido sob minha orientação.

Porto Alegre, de de 20.....

Assinatura: *Sandra de Deus*

Nome completo do orientador: SANDRA DE DEUS

JENNIFER DA SILVA DUTRA

**BLOGUEIRAS NEGRAS: UM ESPAÇO DE ATIVISMO E RESISTÊNCIA DA
MULHER NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Sandra de Deus

Orientadora

Ms. Eutalita Bezerra da Silva

Examinadora

Ms. Fernando Favaretto.

Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo à Deus, aos Orixás e todos os seres que me protegem e guiam, por me mostrarem o caminho da luz quando tudo se fez escuro. Aos meus pais, Luciane e Jorge e à minha irmã Hellen, pelo amparo, força, estímulo, amor e compreensão. Por serem meu alicerce e jamais deixarem eu fraquejar, por terem me ensinado que a maior essência da vida é o amor. À minha mãe, por ser a minha melhor amiga, pelo seu incansável incentivo e por ser uma grande representação de mulher, negra, guerreira e professora. A meu pai, pela paciência, afeto e por ser o meu amor exemplo de honestidade. À minha irmã, por todos os conselhos e todas as vezes que afirmou que sou o seu maior exemplo.

À minha tia e segunda mãe, Miriam, por todas as conversas e ensinamentos transmitidos. Por me mostrar que a educação é o melhor caminho para a transformação. Ao meu amigo Lucas, ao meu tio Beto e todos aqueles que não fazem mais parte desse plano, mas acredito estarem tomados de orgulho nesse momento. A todos os amigos, amigas e familiares que foram compreensivos com minhas ausências, que sempre acreditaram e afirmaram que eu conseguiria.

A minha orientadora Sandra de Deus por toda a confiança, embasamento acadêmico, complacência e humanidade. Por depositar em mim a certeza de que eu seria capaz. Por compartilhar seus ricos conhecimentos e me dar ânimo para vislumbrar novos horizontes. Aos meus colegas da UFRGS TV que fizeram parte da minha trajetória e compartilharam suas competências e habilidades. Especialmente ao meu chefe Fernando, pela oportunidade do meu primeiro contato com a rotina jornalística, por me transmitir seus saberes profissionais e de vida, pela amizade e serenidade. A todas as mulheres negras, que lutam e resistem diariamente por uma sociedade mais justa.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”.

Nelson Mandela

RESUMO

O objetivo do presente estudo é analisar que tipo de comunicação o blog *Blogueiras Negras* utiliza para dialogar com as suas internautas, fazendo com que a internet seja usufruída como espaço de ativismo e ferramenta para a divulgação da mulher negra. Através da Análise de Conteúdo (AC) à luz de Laurence Bardin (2010) busca-se tipificar quais temas são abordados no *Blogueiras Negras*, procurando entender de que maneira essas blogueiras utilizam a internet como um espaço de ativismo e resistência, disseminando o conhecimento sobre o feminismo negro e empoderando as mulheres. Em um primeiro momento percorremos a trajetória dos blogs, que tiveram surgimento no final dos anos 1990, recorrendo aos ensinamentos de Raquel Recuero (2001, 2008, 2009) e Alex Primo (2000, 2005, 2008). Após, investigamos como cria-se a representação do negro na sociedade, com embasamento nos estudos de Stuart Hall (2005, 2016). Posteriormente averiguamos em que contexto surgiu o movimento feminista negro e quais os seus princípios, trazendo autoras norte-americanas como Angela Davis (2013) e Bell Hooks (1995), e autoras brasileiras como Lélia Gonzalez (1984) e Núbia Moreira (2016). Por fim, aplicamos os procedimentos metodológicos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. A pesquisa revelou que as categorias presentes no blog são: identidade, resistência, saúde e beleza, estilo de vida e cultural. A partir da análise dessas categorias é possível afirmar que o *Blogueiras Negras* atua de modo a afirmar a resistência das mulheres negras.

Palavras-chave: Blog; Feminismo Negro; Mulher Negra; Mídias Sociais; Representação, Identidade, Resistência.

ABSTRACT

The purpose of the present study is to analyze the kind of communication *Blogueiras Negras* site uses to dialogue with its netizens, making the internet be used as an area of activism and a tool for the dissemination of black women. Through Content Analysis (CA) under the light of Laurence Bardin (2010), a typification of which topics are discussed in *Blogueiras Negras* has been made, trying to understand how these bloggers use the internet as a tool for their fight and resistance, disseminating knowledge about black feminism and empowering women. At the first moment, we traced the trajectory of the blogs, which appeared in the late 1990s, using the teachings of Raquel Recuero (2001, 2008, 2009) and Alex Primo (2000, 2005, 2008). After, we investigated how the black representation in society is created, based on studies of Stuart Hall (2005, 2016). Later on, we investigated the context in which the black feminist movement emerged and its principles, bringing American authors such as Angela Davis (2013) and Bell Hooks (1995), and Brazilian authors such as Lélia Gonzalez (1984) and Núbria Moreira (2016). Finally, we applied the methodological procedures, the pre-analysis, the exploitation of the material and the treatment of the results. The research has revealed that the categories present in the blog are: identity, resistance, health and beauty, lifestyle and cultural. From the analysis of these categories it is possible to affirm that *Blogueiras Negras* acts in order to affirm the resistance of black women.

Keywords: Blog; Black Feminism; Black Woman; Social Media; Representativity, Identity, Resistance.

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| TABELA 1 - TIPOS DE LAÇOS..... | 15 |
| TABELA 2 - IDENTIDADE E SEUS TEMAS | 46 |
| TABELA 3 - RESISTÊNCIA E SEUS TEMAS..... | 46 |
| TABELA 4 - SAÚDE E BELEZA E SEUS TEMAS..... | 46 |
| TABELA 5 - ESTILO DE VIDA E SEUS TEMAS..... | 47 |
| TABELA 6 - CULTURAL E SEUS TEMAS..... | 47 |
| TABELA 7 - LISTA DE TEXTOS ANALISADOS NO BLOGUEIRAS NEGRAS..... | 65 |
| TABELA 8 - FRASES MAIS REFERIDAS NO TEXTO..... | 66 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 01 |
| 2. BLOGS | 05 |
| 2.1 Blogs como ferramenta de comunicação..... | 06 |
| 2.2 O blogueiro como ator social..... | 12 |
| 2.3 Utilização do blog em movimentos sociais..... | 16 |
| 3. REPRESENTAÇÃO | 19 |
| 3.1 O uso da linguagem na produção de sentido..... | 20 |
| 3.2 A representação do negro na sociedade..... | 23 |
| 3.3 A construção de novos tipos de identidades..... | 28 |
| 4. FEMINISMO | 30 |
| 4.1 O corpo da mulher negra como objeto..... | 31 |
| 4.2 Feminismo hegemônico | 34 |
| 4.3 Feminismo interseccional | 37 |
| 4.4 Feminismo negro nas redes sociais | 41 |
| 5 O BLOG BLOGUEIRAS NEGRAS | 42 |
| 6 PERCURSO METODOLÓGICO | 48 |
| 6.1 Pré-análise..... | 48 |
| 6.2 Exploração do material..... | 50 |
| 6.3 O tratamento dos resultados..... | 66 |
| 6.4 Comunicação no Blog..... | 67 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 68 |
| REFERÊNCIAS | 70 |

1 INTRODUÇÃO

Ser mulher negra no século XXI significa ter que enfrentar diariamente a dose tripla de desigualdade, machismo, racismo e de classe, tudo isso reflexo de uma sociedade escravista que sempre a tratou como um ser subordinado. A exposição da população negra a pobreza, a falta de referencial teórico, a estereotipagem, a falta de representação, o difícil ou o não acesso à escola formal, o embranquecimento da grande mídia, fizeram com que, por muito anos, mulheres negras aceitassem ser a base na pirâmide social. O reflexo disso é a dificuldade que essas mulheres encontram de falar por si, de contar a sua própria história. A história que conhecemos sempre foi contada com a visão do branco colonizador, nunca numa perspectiva feminina negra. Entretanto, mesmo com as tantas marcas deixadas por uma sociedade escravista, as mulheres negras procuram formas de resistir e se organizar.

Por mais que a luta seja de longa data, foi na internet que o ativismo de mulheres negras ganhou espaço e força, utilizando-a como ferramenta que traz debates e inquietações a este segmento. Para além da mídia alternativa, o feminismo negro tem pautado questões que passaram a ter visibilidade pelas mídias tradicionais, provocando pequenas transformações sociais e culturais na sociedade. No Brasil, a visibilidade que as mulheres negras têm hoje é, incomparavelmente, maior que aquela registrada em épocas anteriores. Apesar disto, a luta por representatividade na grande mídia e em todos os ambientes continua incessante. Segundo pesquisa realizada pelo IPEA¹ (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), os homens continuam ganhando mais do que as mulheres (R\$1.831 contra R\$1.288, em 2014), as mulheres negras seguem sendo a base da pirâmide (R\$946, em

¹ Pesquisa realizada pelo IPEA (Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada). Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6524/1/Nota_n24_Mulheres_trabalho.pdf

2014), e homens brancos, o topo (R\$2.393 no mesmo ano). Além do mercado de trabalho ainda reproduzir a herança histórica marcada por desigualdades, na televisão, por mais que em um lento processo de transformação no cenário da representatividade negra, observa-se que a mulher negra continua, por muitas vezes, sendo apresentada dentro de um padrão estereotipado de ser, por exemplo, a empregada doméstica ou a mulher com uma beleza exótica e objeto sexual de desejo, entre tantas outras atribuições que são dadas às negras.

A importância da existência de espaços como o blog *Blogueiras Negras*, objeto deste estudo, onde mulheres negras podem contar suas próprias histórias, debater sobre questões vivenciadas diariamente, aliviar suas angústias, conhecer sobre sua a cultura, religião, identidade, entre outros aspectos, é extremamente fundamental para que elas se vejam e se reconheçam como alguém que é capaz de ser o que quiser, frequentar o lugar que desejar e atuar como a profissional que almeja. Por isso, o objetivo principal do presente trabalho é ***tipificar quais temas são abordados no Blogueiras Negras, procurando entender de que maneira essas blogueiras utilizam a internet como um espaço de ativismo e resistência, disseminando o conhecimento sobre o feminismo negro e empoderando as mulheres.*** Como objetivos específicos estão: investigar o advento dos blogs, analisar a representatividade do negro na sociedade, averiguar em que contexto surgiu o movimento feminista negro e, por fim, tipificar as categorias apresentadas no *Blogueiras Negras*.

Este estudo se justifica pela repulsa e pela expectativa da própria autora. Repulsa por ter crescido tendo que brincar com bonecas brancas, geralmente loiras, e de cabelo liso; por ter conhecido a história da nossa sociedade através de historiadores brancos; por saber que, no Brasil, enquanto a mortalidade de mulheres não negras teve uma redução de 7,4% entre 2005 e 2015, atingindo 3,1 mortes para cada 100 mil mulheres não negras, a mortalidade de mulheres negras observou um

aumento de 22% no mesmo período, chegando à taxa de 5,2 mortes para cada 100 mil mulheres negras (Atlas da Violência. IPEA², 2017); por saber que as mulheres negras continuam sendo as que recebem os menores salários; por sempre ter tido pouca ou nenhuma representatividade nos ambientes frequentados; por saber do difícil acesso que uma mulher negra de comunidade carente tem à universidade; por não entender o porque muitas vezes sentiu-se incapaz de expressar os sentimentos e suas vontades, imaginando não fazer parte de um “padrão” e assim, sentir-se silenciada por uma sociedade machista e racista; por estar cansada de viver em uma sociedade que utiliza do mito da democracia racial para esconder as grandes marcas que a escravidão deixou para a população negra.

Expectativa ao descobrir que não é a única com estas inquietações, ao contrário, são muitas e lutam por um mesmo propósito, o de conquistar seus direitos que foram retirados e trazer para debate questões de raça, gênero e classe, procurando contribuir para que a sociedade perceba o quanto essas desigualdades perduram por séculos na vida das pessoas que pertencem a estes grupos; ao notar que qualquer mulher negra pode ser o que quiser, pois não é preciso encaixar-se em rótulos e, muito menos, aceitar qualquer atitude machista, racista ou com algum tipo de preconceito sobre ela; que não deve-se permitir mais ser referenciada como uma mulher mulata ou morena, pois há muito orgulho em se definir como uma mulher negra; ao encontrar nas mídias alternativas, como o Blogueiras Negras, um espaço acolhedor deste segmento, comprometido com questões de raça, gênero e classe social e que reúne e estimula a produção de mídia independente por mulheres negras e afrodescendentes; ao saber que, mesmo por um processo lento, os movimentos sociais na internet têm transformado a sociedade; ao notar que muitas mulheres negras, que sequer teriam conhecimento de tamanha importância da sua

² Pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>

(r)existência na sociedade, terão a oportunidade de conhecer a sua história contada por um olhar feminino negro e, com isso, não aceitar mais a sua exposição a situações de humilhação, rejeição e/ou exploração.

Para melhor compreensão, o presente trabalho está dividido em sete capítulos. Inicialmente traçamos um breve histórico sobre o advento dos blogs. A proposta será apresentada à luz dos estudos de Raquel Recuero (2001, 2008, 2009). Também serão utilizados como base teórica os autores, Alex Primo (2000, 2005, 2008) que define e tipifica os blogs, e Manuel Castells (2013), que nos propicia pensar as mídias sociais como grande plataforma para divulgação de movimentos sociais.

Posteriormente analisamos a representação do negro na sociedade e a criação dos estereótipos, que são melhor compreendidas com base nos estudos de Stuart Hall (2016). Hall apresenta uma análise da representação racial, de forma histórica, perpassando desde a idade média aos dias atuais. Esses vestígios dos estereótipos raciais perduraram até o final do século XX e, começaram a mudar, segundo o autor, a partir das agitações dos movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos na década de 60.

No quarto capítulo apresentamos as bases para a compreensão do surgimento do movimento feminista negro. Angela Davis (2013) e Bell Hooks (1995) são teóricas norte-americanas que nos permitem refletir em que contexto e quais marcadores são trazidos neste movimento. Para falar sobre o movimento feminista negro no Brasil, utilizaremos Lélia González (1984) e Núbia Moreira (2016). No capítulo cinco demonstramos como funciona a estrutura do objeto deste estudo, após tipificamos categorias.

O percurso metodológico, seguirá a linha de Bardin (2010) através da análise de conteúdo (AC). As etapas de pré-análise, exploração do material e o

tratamento dos resultados são aplicadas ao estudo. Por fim, nas considerações finais, apresentam-se os resultados encontrados.

2. BLOGS

No século XX os canais de comunicação expandiram-se consideravelmente, principalmente pelo avanço das tecnologias. Neste boom comunicacional, a internet foi uma das mudanças rompendo paradigmas e barreiras que modificaram as formas de comunicação interpessoal. Foi neste contexto de novas mídias de comunicação que surgiram os weblogs, mais conhecidos como blogs. Em 1998 o termo weblog foi utilizado pela primeira vez, referindo-se a sites que reuniam e difundiam diversos links na internet.

O termo weblog foi primeiramente usado por Jorn Barger, em 1998, para referir-se a um conjunto de sites que “coleccionavam” e divulgavam links interessantes na Web (Blood, 2000), como o seu Robot Wisdom. Daí o termo “web”+ “log” (arquivo Web), que foi usado por Jorn para descrever a atividade de “logging the web”. Nesta época, os weblogs eram poucos e quase nada diferenciados de um site comum na Web. Talvez por conta desta semelhança, autores como David Winer considerem como o primeiro weblog o primeiro site da We7, mantido por Tim Berners-Lee, no CERN. O site tinha como função apontar todos os novos sites que eram colocados no ar (RECUERO, 2008, online).

Entretanto, foi com o surgimento das ferramentas de publicação que os weblogs se fomentaram. Além disso, a agregação da ferramenta de comentários aos blogs também foi fundamental para a sua popularização (AMARAL, RECUERO, MONTARDO, 2008).

Inicialmente, quando os blogs ganharam popularização, eram definidos como diários pessoais online, cuja principal utilidade era a publicação de relatos,

experiências, pensamentos e idéias pessoais. Para Alex Primo (2008), definir os blogs como diários pessoais seria reduzir sua tamanha importância.

De fato, pode-se utilizar o sistema de publicação de blogs como bloco de notas (para se guardar idéias e links para informações de interesse pessoal) e, sim, como repositório de reflexões e criações literárias inacabadas. Contudo, o uso da interface de blogs para a escrita íntima e sigilosa é apenas um entre tantos processos interativos possíveis na blogosfera. Logo, definir-se blogs como diário íntimo online ou mesmo como página pessoal (o que excluiria as produções grupais e organizacionais) é capciosa e reducionista (PRIMO, 2008, online).

Hoje esta mídia alternativa é considerada ferramenta profissional de comunicação e apesar de ainda existir uma apropriação para fins pessoais, encontramos um vasto universo de blogs com diferentes segmentos agindo como forma de organizações pessoais, grupais e institucionais.

2.1 Blogs como ferramenta de comunicação

Embora os blogs tenham sido inicialmente definidos como uma ferramenta de publicação que constituía um formato muito particular, atualmente eles têm um papel fundamental na comunicação, agindo como uma mídia alternativa onde seu público pode encontrar conteúdos que fogem dos padrões encontrados nas grandes mídias.

Para pensarmos os blogs como uma ferramenta de comunicação, devemos utilizar algumas definições e conceitos que foram-lhes empregados. A primeira definição denominada estrutural (Recuero, 2008), baseia-se na ideia de que estes websites normalmente trazem conteúdo (texto, fotos, arquivos de som, vídeos, etc) que são postados em uma base regular e colocados em ordem cronológica reversa. Seu público quase sempre possui a opção de comentar em qualquer postagem

individual (Schmidt, 2007 apud Recuero, 2008). O segundo conceito chamaremos de funcional. De acordo com Recuero (2008), os autores que defendem essa definição enxergam o blog para além de uma ferramenta de publicação caracterizada pelo seu formato, eles o definem como uma ferramenta de comunicação, que é utilizada como forma de publicar informações para uma audiência. Sobre as duas definições Recuero (2008) explica:

Em ambas as definições, vemos a noção do blog como uma ferramenta, capaz de gerar uma estrutura característica, constituída enquanto mídia, ou seja, enquanto ferramenta de comunicação mediada pelo computador. A percepção do blog como ferramenta é, no entanto, propositalmente genérica, pois objetiva abranger todos os usos que alguém pode fazer do sistema, que são classificados como gêneros por diversos autores (RECUERO, 2008, online).

Segundo Primo (2008), antes de qualquer análise sobre o conteúdo dos posts, é preciso avaliar se o blog é produzido individualmente ou de forma coletiva. Os blogs individuais podem ser subdivididos em pessoais e profissionais. Um blog coletivo pode ser grupal ou organizacional, mesmo os blogs coletivos podem apresentar diferenças entre si. Os grupais podem ser descritos por um conjunto de pessoas, onde cada um expressa suas opiniões individualmente, mas com temas em comum, ou também ser produzido por um grupo de apoio, dando suporte online sobre temas que podem variar. Os blogs organizacionais, por outro lado, apresentam funcionamento bastante diferente. Podem ser simplesmente um veículo de divulgação de releases (até mesmo sem serviço de comentários) ou um espaço de interação com clientes e fornecedores (Primo, 2008).

Os posts feitos em blogs podem percorrer sobre diferentes pautas, desde um texto reflexivo, uma sugestão de um link, a descrição do enredo de um filme, ou até mesmo um release.

Segundo Recuero (2008), os blogs permitem a socialização online de acordo com os mais variados interesses, eles consistem em suportes para a comunicação

mediada por computador. A constituição de estruturas sociais também é outro aspecto decorrente da apropriação dos blogs enquanto ferramenta de comunicação.

A autora defende os blogs não apenas como ferramenta de comunicação, mas de interação social, através de trocas, seja de comentários ou links.

A ferramenta de comentários é fundamental para uma interatividade entre os participantes. Normalmente ela fica localizada abaixo de cada post, com um link que abre janela de comentários. Nele pode-se observar os comentários que já estão no blog, em ordem cronológica, acompanhados da hora de publicação e de seu autor. É a partir daí que se inicia uma conversação entre o blogueiro e o público e também entre o público em si. Para Primo (2008) esta conversação se inicia a partir das reações do post original.

Normalmente a conversação se desenvolve a partir das reações ao post original. Contudo, nada impede que a conversa tome outros rumos ou mesmo que se publique comentários fora de contexto. Vários assuntos podem ser discutidos ao mesmo tempo, mesmo aqueles sem nenhuma relação com o post original. Uma conversação pode ainda ir além dos comentários de um certo blog, espalhando-se e ampliando-se através de posts em outros blogs e de seus respectivos comentários. É como se a conversação “escorresse” por entre diversos blogs. Percebe-se aí o caráter “viral” da conversação mediada por blogs (PRIMO, 2008, online)

Por isso os comentários são essenciais, para proporcionar dinamismo ao site e também para que seus participantes possam interagir com o autor. Há dois tipos de interações que foram propostas por Primo (2000), a mútua e a reativa. A primeira se dá de forma negociada e aberta, que acontece entre agentes, através de um processo de negociação, com ações interdependentes que geram interpretações, possuem fluxo dinâmico e cuja relação dá-se através da construção negociada. Na interação mútua as trocas não são predeterminadas, mas caóticas, complexas e imprevisíveis. Um exemplo que se aplicaria é um chat. Já a interação reativa dá-se em um sistema fechado, num processo de estímulo resposta, com

fluxo linear e determinado, relação causal e baseada no objetivismo, geralmente observada na interação entre indivíduo e máquina. Este tipo de interação tem respostas pré-programadas, onde as trocas são determinadas, previsíveis.

Apenas é possível interagir de forma mútua se o meio permitir oferecendo as ferramentas necessárias para as trocas comunicativas. E mesmo que o meio possua essa característica, ainda é necessário que os elementos ativos efetivamente realizem essas trocas para que se possa afirmar que existe interatividade. É a partir da interação mútua que são construídas relações sociais e, portanto, comunidades virtuais. O ciberespaço, enquanto espaço comunicativo, permite que esse tipo de interação ocorra, mas não é garantia dela (Recuero, 2001).

As relações sociais surgidas das mídias alternativas podem motivar muitas outras conversações, que não necessariamente no ciberespaço. Por isso pode-se pensar que é através da comunicação mediada por computador que as comunidades virtuais surgem. As interações através do computador estão possibilitando o surgimento de grupos sociais na Internet, com características comunitárias. Esses grupos seriam construídos por uma nova forma de sociabilidade, decorrente da interação mediada pelo computador, capaz de gerar laços sociais. Através da definição de comunidades virtuais de Rheingold (1995, apud Recuero, 2009, online), como agregados sociais que surgem da Rede Internet, quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço, Recuero (2009) define os elementos formadores da comunidade virtual:

De acordo com essa definição, os elementos formadores da comunidade virtual seriam: as discussões públicas; as pessoas que se encontram e reencontram, ou que ainda mantêm contato através da Internet (para levar adiante a discussão); o tempo; e o sentimento. Esses elementos, combinados através do ciberespaço, poderiam ser formadores de redes de

relações sociais, constituindo-se em comunidades (RECUERO, 2009, online).

O papel do indivíduo na construção de sua própria rede social é preponderante, nela, o ator determina com quem irá interagir e com quem irá constituir laços sociais.

A rede, portanto, centra-se em atores sociais, ou seja, indivíduos com interesses, desejos e aspirações, que têm papel ativo na formação de suas conexões sociais. Wellman et. al. (2003, apud Recuero, 2009, online) explicam que a metáfora é mais eficiente para que se perceba que, na comunicação mediada por computador, as pessoas trocam não apenas informações mas bens, suporte emocional e companheirismo. Para o autor, a comunicação mediada por computador é capaz de suportar laços especializados e multiplexos, que são essenciais para o surgimento de laços fortes. Além disso, Wellman (2003) também chama a atenção para o capital social da rede, que, para ele, é um elemento fundamental para o estudo de uma rede social. Ele explica que esse “capital de rede” consiste na capacidade da rede de prover recursos, tangíveis ou intangíveis (por exemplo, suporte e apoio ou dinheiro, informação, sentimento de estar conectado, etc.).

Os conceitos de Wellman (2003) apresentam um elemento fundamental para a análise das comunidades virtuais: para ele, não são necessários laços fortes, mas quaisquer laços baseados na interação social, na identificação e no interesse comum.

Garton, Haythornthwaite e Wellman (1997, apud Recuero, 2009, online) defendem que é possível encontrar em redes padrões específicos de relações que seriam associados aos grupos sociais. Esses padrões seriam referentes aos modos de relações entre os atores da rede e auxiliam o cientista a encontrar quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo. Além disso, através da comunicação mediada por computador é possível seguir a interação entre os atores de uma rede (uma vez que é possível acompanhá-la publicamente em vários sistemas, como em

um canal de chat – onde se pode, inclusive, gravar as interações – ou em comentários de blogs – que ficam registrados, a menos que o autor deseje apagá-los), identificando grupos e suas conexões.

Deste modo, a comunidade virtual é um conjunto de atores e suas relações que, através da interação social em um determinado espaço, constitui laços e capital social em uma estrutura de *cluster*, através do tempo, associado a um tipo de pertencimento. Assim, a diferença entre a comunidade e o restante da estrutura da rede social não está nos atores, que são sempre os mesmos, mas sim nos elementos de conexão, nas propriedades das redes. Não podemos esquecer, no entanto, que as comunidades também são estruturas dinâmicas, que são modificadas no tempo.

Pode-se dizer, assim, que o conceito de comunidade virtual é uma tentativa de explicar os agrupamentos sociais surgidos no ciberespaço. Trata-se de uma forma de tentar entender a mudança da sociabilidade, caracterizada pela existência de um grupo social que interage, através da comunicação mediada pelo computador. Por outro lado, redes sociais baseadas na associação também poderiam, de certa forma, apresentar agrupamentos. Esses agrupamentos seriam semelhantes de forma estrutural às comunidades, mas não em seu conteúdo. Seriam comunidades mais personalizadas, que exacerbam o individualismo e não o coletivo, compostas de laços fracos e relações de filiação.

Enquanto alguns autores definem os grupos sociais no ciberespaço como comunidades virtuais a partir da definição de laços fortes e interação social concentrada, além de capital social e compromisso com o grupo, outros explicam que as relações são mais fluidas e emocionais, embora também possuam capital social, interação e mesmo laços sociais mais fracos. Neste sentido, o conceito de comunidade virtual é amplo e compreende, simplesmente, grupos sociais, como os

vários estudos mostram. A única característica comum, de tais grupos, parece ser a presença de capital e interação social e laços decorrentes deles.

A mídia é um agente modificador de comportamento cultural e de valores, tendo enorme influência na sociedade, estimulando o consumo e influenciando comportamentos. Portanto, as mídias sociais também são responsáveis por grande parcela desta transformação social. Além de influenciar na vida das pessoas, ela traz uma nova noção de comunidade. Segundo Rheingold (1995, apud Recuero, 2001, online) é preciso partir da interação humana para compreender a interatividade na comunicação humano - computador pois, deste modo, o humano não seria apenas colocado como disparador de programas.

2.2 O blogueiro como ator social

Segundo Recuero (2009), as redes sociais na Internet possuem dois elementos característicos - os atores (pessoas, instituições ou grupos) e as conexões (interações ou laços sociais) - que servem de base para que a rede seja percebida e as informações a respeito dela sejam apreendidas. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões.

A popularidade da internet permitiu que grupos sociais diversos, que antes não encontravam meios de se organizar, se conectem em redes de comunicação e relacionamento e, com isso, gerem conteúdo para a sociedade como um todo, tornando as informações capazes de serem replicadas, organizadas, consultadas e direcionadas aos seus públicos de interesse com maior facilidade. É neste contexto que estão inseridos os blogs, que são gerenciados por pessoas. Esses blogueiros não necessariamente precisam ter uma formação formal sobre a sua área, a sua credibilidade se deve à uma reputação construída com o tempo e com

reconhecimento do seu trabalho. Apesar disso, um blogueiro mantém a característica de emitir opiniões pessoais a respeito de algum assunto, mas recebe um peso maior em suas colocações em consequência do seu caráter de especialidade em relação à temática abordada. (Nunes, 2016, online).

Os atores não são discerníveis imediatamente, devido ao distanciamento entre os envolvidos na interação social. Por isso, atua-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço.

Um ator, assim, pode ser representado por um weblog, por um fotolog, por um twitter ou mesmo por um perfil no Orkut. E, mesmo assim, essas ferramentas podem apresentar um único nó (como um weblog, por exemplo), que é mantido por vários atores (um grupo de autores do mesmo blog coletivo). (RECUERO, 2009, online).

Os blogs, portanto, não são atores sociais, mas representações destes. São um espaço de interação que possibilita a expressão e a sociabilização das pessoas, permitindo que elas tenham um lugar de fala e então manifestem sua personalidade e individualidade. As características pessoais são determinantes no processo comunicativo que é estabelecido na rede social. A construção do site dá-se através da apresentação de si, há um processo permanente de construção de identidade por parte dos atores no ciberespaço. Assim como é fundamental na relação humana que se perceba o outro para que haja uma interação, nas conexões através das mídias sociais também é preciso esse reconhecimento.

Judith Donath (1999) sustenta que a percepção do Outro é essencial para a interação humana. Ela mostra que, no ciberespaço, pela ausência de informações que geralmente permeiam a comunicação face a face, as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras. Essas palavras, constituídas como expressões de alguém, legitimadas pelos grupos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais. É preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia, na informação geralmente anônima do ciberespaço. Este requisito é fundamental para que a comunicação possa ser estruturada. Essas questões são importantes porque trazem a necessidade de que blog

identifique, de alguma forma, o indivíduo que se expressa através dele, de modo a proporcionar pistas para a interação social (RECUERO, online, 2009).

Por mais similares que pareçam ser, as interações no ciberespaço e nas ferramentas de comunicação trazem suas particularidades. Uma exemplo de interação seria de que tudo é construído pela mediação do computador, os atores não se dão imediatamente a conhecer. E outra de que existe multiplicidade de ferramentas que suportam essa interação e permitem que a interação permaneça mesmo depois do ator estar desconectado do ciberespaço.

Recuero (2009) aponta duas formas das quais pode construir-se a interação social no ciberespaço:

Uma comunicação síncrona é aquela que simula uma interação em tempo real. Deste modo, os agentes envolvidos têm uma expectativa de resposta imediata ou quase imediata, estão ambos presentes (on-line, através da mediação do computador) no mesmo momento temporal. É o caso, por exemplo, dos canais de chat, ou mesmo de conversas nos sistemas de mensagens. Já o e-mail, ou um fórum, por exemplo, têm características mais assíncronas, pois a expectativa de resposta não é imediata. Espera-se que o agente leve algum tempo para responder ao que foi escrito, não que ele o faça (embora possa fazer, é claro), de modo imediato. Espera-se que o ator, por não estar presente no momento temporal da interação, possa respondê-la depois (RECUERO, 2009, online).

As interações no ciberespaço são geradoras de relações sociais, e assim, conseqüentemente, de laços sociais, espalhando-se entre outras plataformas de comunicação.

As relações sociais na internet são mais variadas, pois há troca de diferentes tipos de informações em diversos sistemas, podendo existir também relações conflituosas ou ações que diminuem a força do laço social. Os laços são as conexões entre os atores que estão envolvidos nas interações, porém não depende apenas de interação.

Há dois tipos de laços denominados por Recuero (2009) que se associam aos tipos de interações determinadas por Primo (2008): os associativos (laços construídos através da interação social reativa) e os laços dialógicos (compreendidos principalmente através da interação social mútua).

TABELA 1

| Tipo de laço | Tipo de interação | Exemplo |
|---------------------|--------------------------|---|
| Laço associativo | Interação reativa | Decidir ser amigo de alguém no Orkut, trocar <i>links</i> com alguém no <i>Fotolog</i> , etc. |
| Laço dialógico | Interação mútua | Conversar com alguém através do MSN, trocar recados no Orkut, etc |

A tabela acima refere-se a exemplos trazidos, por Recuero (2009), de redes sociais que, à época, estavam no auge. Deslocando para os dias atuais, poderíamos substituir os exemplos de laço associativo por decidir seguir alguém no Twitter, ou adicionar no Facebook. Já no caso do laço dialógico, uma conversa iniciada a partir do Messenger, bate-papo do Facebook. É fundamental que entenda-se os tipos de laços pois eles auxiliam identificar e compreender a estrutura de uma determinada rede social, no nosso caso o Blog Blogueiras Negras.

(...) a comunicação mediada por computador apresentou às pessoas formas de manter laços sociais fortes mesmo separadas a grandes distâncias, graças a ferramentas como o Skype, os messengers, e-mails e chats. Essa desterritorialização dos laços é consequência direta da criação de novos espaços de interação (RECUERO, 2009, online).

Através destas informações sobre a estrutura das redes sociais e o papel do atores, pode-se concluir que o perfil de cada blogueiro depende de diferentes fatores, assim como o perfil do público. As publicações nas redes são direcionadas a

um segmento específico, por mais que elas possam abranger pessoas com interesses diversos. Por intermédio das redes muitos grupos, antes silenciados, encontram um lugar de fala, onde podem expressar-se e criarem laços com pessoas que partilham de mesmas ideias.

Como já observado, apesar de não considerarmos os blogs apenas como diários pessoais, eles trazem fortes elementos de personalização. De alguma forma o blogueiro acaba manifestando-se nas publicações. O blog funciona como uma forma de apropriação do ciberespaço como modo de expressar a identidade de seus atores, agindo de maneira que traz elementos da representação de seus blogueiros. Os blogs funcionam como elementos de representação do “eu” de cada um, e como “janelas” para que outros possam conhecer o indivíduo, permitindo que a interação aconteça entre as pessoas.

2.3 Utilização do blog em movimentos sociais

Os movimentos sociais são responsáveis por mudanças na sociedade, e com o surgimento das redes sociais eles têm agido de forma mais acelerada. Muitos grupos encontram na internet um espaço onde podem expressarem-se e reivindicar suas pautas, e um desses grupos é o de mulheres negras. Apesar do movimento feminista negro ser uma luta iniciada no século XX, foi na internet que ganhou mais notoriedade.

Assim como outros movimentos sociais, o Blogueiras Negras, sendo sua temática principal o feminismo negro, utiliza a internet como um espaço de ativismo e resistência da mulher negra. Manuel Castells (2013) nos propicia pensar o ciberespaço como um lugar revolucionário para a história, fazendo com que os movimentos sociais tenham maior visibilidade e, de fato, consigam conduzir suas

pautas para debate na sociedade, trazendo, com isso, uma transformação na sociedade.

Esses movimentos sociais normalmente surgem da indignação das pessoas com a atual forma com que a sociedade se estrutura. Pautas que deveriam ser trazidas cotidianamente não apenas pelo cidadão comum, mas, principalmente, pelo Governo e a grande mídia, para que pudesse efetivamente haver uma transformação social, são tratadas com descaso. É a partir deste menosprezo que o sentimento de repulsa e incerteza da sociedade, em relação aos poderes público e aos meios tradicionais de comunicação, motiva as pessoas a envolverem-se em ações coletivas e movimentos sociais. A partir da internet esses grupos criam laços sociais, onde conseguem enxergar um ao outro, fortalecendo-se, empoderando-se e então criando esperanças para lutarem por suas demandas.

Para Castells (2013), a raiva é o gatilho para que as pessoas consigam se libertar e ir à luta pelos seus direitos.

No contexto das seis emoções básicas identificadas por neuropsicólogos (medo, aversão, surpresa, tristeza, felicidade e raiva), a teoria da inteligência afetiva em comunicação política argumenta que o gatilho é a raiva, e o repressor, o medo. A raiva aumenta com a percepção de uma ação injusta e com a identificação do agente por ela responsável. O medo desencadeia a ansiedade, associada à evitação do perigo. Ele é superado pelo compartilhamento e pela identificação com outros num processo de ação comunicativa. Então a raiva assume o controle, levando ao comportamento de assumir os riscos (CASTELLS, 2013, online).

O autor afirma que quando se desencadeia o processo de ação comunicativa que induz a ação e a mudança coletivas, prevalece a mais poderosa emoção positiva: o entusiasmo, que reforça a mobilização societária intencional.

A potência que os movimentos sociais ganham na internet é a fonte de acesso ao poder, com a ideia de “juntos nós podemos”. O ingresso em um movimento social ou uma ação coletiva é feito a partir dos objetivos e motivações de cada indivíduo, mas que ao fazer parte desse grupo se depara com valores e

interesses em comum. É pela compreensão, empatia e companheirismo criados por estes atores sociais que eles perdem o medo e criam a esperança.

A horizontalidade das redes favorece a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo que reduz a necessidade de liderança formal (Castells, 2013). A autonomia que cada ator tem para agir dentro desses movimentos é o diferencial. Para Castells (2013) os movimentos sociais em rede estão propondo uma nova utopia no cerne da cultura da sociedade em rede: a utopia da autonomia do sujeito em relação às instituições da sociedade.

Os movimentos sociais, embora surjam do sofrimento das pessoas, são distintos dos movimentos de protesto. Eles são essencialmente movimentos culturais, que conectam as demandas de hoje com os projetos de amanhã. Os movimentos que observamos encaram o projeto fundamental de transformar pessoas em sujeitos de suas próprias vidas, ao afirmar sua autonomia em relação às instituições da sociedade. É por isso que, embora ainda exigindo medidas terapêuticas, como atores coletivos, não confiam nas instituições atuais e se envolvem no caminho incerto de criar novas formas de convivência, na busca de um novo contrato social (CASTELLS, 2013, online).

A individuação e autonomia são características básicas para a transformação cultural de nossas sociedades. Não se deve confundir individuação com individualismo, já que o primeiro refere-se a tendência cultural que enfatiza os projetos do indivíduo como supremo princípio orientador de seu comportamento, projeto este podendo ser adaptado à ação coletiva e a ideias comuns, enquanto o segundo faz do bem-estar do indivíduo o principal objetivo de seu projeto particular. Já autonomia refere-se à capacidade de um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses (Castells, 2013). O autor afirma haver uma transição da individuação para a autonomia.

A transição da individuação para a autonomia opera-se por meio da constituição de redes que permitem aos atores individuais construir sua

autonomia com pessoas de posição semelhante nas redes de sua escolha. Eu afirmo que a internet fornece a plataforma de comunicação organizacional para traduzir a cultura da liberdade na prática da autonomia. Isso porque a tecnologia da internet incorpora a cultura da liberdade, como mostra o registro histórico de seu desenvolvimento (CASTELLS, 2013, online).

Castells (2013) declara a autorrepresentação de uma pessoa real conectando-se com pessoas reais ser a chave para o sucesso de uma rede social. Através das redes sociais as pessoas buscam novas formas de conectar-se, estabelecer relações e formar comunidades.

Mas não é uma sociedade apenas virtual, há uma profunda conexão entre as redes virtuais e as redes da vida real em geral. Para o autor, o mundo real em nossa época é um mundo híbrido e é nesse mundo que os movimentos sociais em redes surgiram, numa transição do compartilhamento de sua sociabilidade para o compartilhamento de sua indignação, de sua esperança e de sua luta (Castells, 2013, online).

Os atores dos movimentos sociais operam como agentes transformadores da sociedade, contribuindo para uma reinvenção da democracia. Apesar de ainda não termos o resultado final que esses movimentos possam trazer para a sociedade, já é possível afirmar que eles desafiam instituições e regimes e, buscam encontrar maneiras que possibilitem aos seres humanos administrar coletivamente suas vidas de acordo com os princípios amplamente compartilhados em suas mentes e em geral negligenciados em sua experiência diária.

3. REPRESENTAÇÃO

Para que possamos compreender, parcialmente, a origem do racismo e da desigualdade social, que ainda operam em nossa sociedade, é preciso fazer uma

análise e reflexão sobre como a representação do negro foi construída e narrada durante séculos, por uma sociedade ocidental branca. O Brasil, como um país colonizado, não trouxe apenas os estrangeiros e suas culturas, mas também visões de mundo, representações, estereótipos e preconceitos. Por isso faz-se necessária a compreensão da origem da representação dos negros africanos na sociedade, dando-se primeiramente por uma visão europeia. Para melhor entendimento do percurso que a representação sobre os negros africanos teve na sociedade utilizaremos, principalmente, teorias de representação e de identidade cultural de Stuart Hall. (2005, 2016)

3.1 O uso da linguagem na produção de sentido

Stuart Hall (2016), enfatiza a relevância de compreendermos o uso da linguagem na produção de sentido, e como esse sentido é construído pelo sistema de representação. A linguagem opera através de duas abordagens construtivistas: a semiótica e a discursiva. Ambas nos trazem conceitos e definições que além se aplicam ao presente estudo.

A abordagem semiótica se concentra em como a representação e a linguagem produzem sentido, enquanto a abordagem discursiva se concentra mais nos efeitos e consequências da representação. A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para produzir sentido.

A explicação de alguns termos utilizados na abordagem **semiótica**, que Hall (2016) extraiu dos estudos de Saussure, faz-se necessária, tendo em vista a complexidade do tema. O significante é a ligação dos códigos entre as formas de expressão usadas pela linguagem (seja fala, escrita, desenho ou outros tipos de representação); o significado é o conceito mental associado aos códigos; a conexão entre esses dois sistemas de representação produz signos, e estes, organizados em

linguagens, produzem sentido e podem ser usados para referenciar objetos, pessoas e eventos no mundo “real”. Segundo Hall (2016), a linguagem é um dos meios através do qual pensamos, ideias e sentimentos são representados numa cultura. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos. Entretanto, é essencial ressaltar que esses significados não possuem sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós - a sociedade, dentro das culturas humanas - que fazemos as coisas terem sentido, que lhes dão significado. Os sentidos sempre mudarão, de uma cultura ou período ao outro. (Hall, 2016). Os códigos, em semiótica, seriam o que um sistema corresponde a que coisa em outro. Nos diz qual palavra usar para qual conceito. Por exemplo, a produção de sentido depende da prática da interpretação, e esta é ativamente sustentada por nós ao usarmos o código - codificado, colocando coisas nele - e pela pessoa do outro lado, que interpreta ou decodifica o sentido. Como os sentidos sempre mudam e nos escapam, os códigos operam mais como convenções sociais do que como leis fixas ou regras inquebráveis.

Se a relação entre o significante e seu significado é o resultado de um sistema de convenções sociais específico para cada sociedade e para determinados momentos históricos - logo, todos os sentidos são produzidos dentro da história e da cultura. Eles nunca podem ser finalmente fixados, estão sempre sujeitos à mudança, tanto de um conceito cultural ao outro, quanto em diferentes períodos (HALL, 2016, p.59,60).

Um exemplo trazido pelo autor para expor uma reflexão sobre essa mudança de sentido das coisas é a percepção das pessoas negras nos EUA na década de 1960, que mudou depois que a frase “*Black is beautiful*” [preto é bonito] tornou-se um *slogan* famoso - na qual o *significante*, PRETO, foi levado a significar o sentido exatamente oposto (*significado*) às suas associações prévias.

Na abordagem ***discursiva***, com referências de Foucault, seu foco incide sobre linguagens ou significados e de que maneira eles são utilizados em um dado

período ou local, apontando para uma grande especificidade histórica - a maneira como práticas representacionais operam em situações históricas concretas.

Para Hall (2016), a cultura desempenha um conjunto de valores ou significados compartilhados, base do funcionamento da linguagem como processo de significação, como sistema de representação. As imagens que temos à nossa volta nos auxiliam a compreender o mundo em que vivemos e elas apresentam realidades, valores e identidades. Entretanto, é interessante ressaltar que as imagens que temos hoje foram uma construção sócio-cultural e trazem muita influência da visão que se tinha, falando especialmente dos negros, desde o Iluminismo e como esses valores contidos na imagem influenciam diretamente na vida de pessoas negras.

A importância do sentido para a definição de cultura recebeu ênfase por aquilo que passou a ser chamado de “virada cultural” nas ciências humanas e sociais, sobretudo nos estudos culturais e na sociologia da cultura. (Hall, 2016).

Este foco em “significados compartilhados” pode, algumas vezes, fazer a cultura soar demasiado unitária e cognitiva. Porém, em toda cultura há sempre uma grande diversidade de significados a respeito de qualquer tema e mais de uma maneira de representá-lo ou interpretá-lo. Além disso, a cultura se relaciona a sentimentos, à emoções, a um senso de pertencimento, bem como a conceitos e a ideias. (...) Acima de tudo, os significados culturais não estão somente na nossa cabeça- eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e conseqüentemente geram efeitos reais e práticos (HALL, 2016, p.20).

A cultura permeia por toda a sociedade e está envolvida em todas as práticas que carregam sentido e valores para nós. O foco principal de Woodward (2012 apud por Hall 2016, p. 21) é de que o sentido nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade, de quem somos e a quem “pertencemos” - e, assim, ele relaciona a questão sobre como a cultura é usada para restringir ou manter a identidade dentro do grupo e sobre a diferença entre grupos.

Na abordagem discursiva o que o preocupava era a produção de conhecimento, em vez de apenas sentido, através do discurso, em vez de linguagem.

O discurso constrói o assunto. Ele define e produz os objetos do nosso conhecimento, governa a forma com que o assunto pode ser significativamente falado e debatido, e também influência como ideias são postas em prática e usadas para regular a conduta dos outros. Assim como o discurso “rege” certas formas de falar sobre um assunto, definindo um modo de falar, escrever e se dirigir a esse tema de forma aceitável e inteligível, então também, por definição, ele “exclui”, limita e restringe outros modelos (HALL, 2016, p.80).

O discurso produz o conhecimento e este é sempre uma forma de poder. Assim como o sentido produzido em semiótica, o discurso não é fixo, em cada período, ele produz formas e práticas de conhecimento, objetos e sujeitos que são radicalmente diferentes de uma época para outra, sem uma necessária continuidade entre elas.

3.2 A representação do negro na sociedade

As representações do negro na sociedade reproduzem um olhar elaborado sobre a ótica do branco colonizador, que sempre visou a exclusão desse grupo racial e associou-o à condição de escravo. A reprodução desta imagem do negro “elucida os estereótipos de inferioridade, incapacidade intelectual, força física e servidão atribuídos pela sociedade racista” (Rosa, 2002, p. 37).

Segundo Frantz Fanon (1986 apud Hall 2016, p.160) dentro do racismo a maioria da estereotipagem racial e a violência surgiram a partir da recusa do branco em reconhecer o ponto de vista do negro.

A marcação da diferença leva-nos, simbolicamente, a fortalecer a cultura e a estigmatizar e expulsar qualquer coisa que seja definida como impura e anormal. É

possível compreender a origem negativa da representação do negro na sociedade desde o Iluminismo, onde era tratado mais como um animal do que um ser humano.

A exploração do negro pelo homem branco iniciou no século XIV, com o contato entre comerciantes europeus e os reinos da África Ocidental, fonte de escravos negros durante três séculos. Seus efeitos podem ser encontrados na escravidão e nas sociedades pós-escravistas do Novo Mundo. Os africanos simbolizavam o “primitivo” em contraste com o mundo civilizado e eram identificados com a natureza. Hall (2016, p.162) nos demonstra a visão que a Europa tinha da África, a partir de uma síntese com diferentes autores.

O Iluminismo, que classificou as sociedades ao longo de uma escala evolutiva de “barbárie” e “civilização”, via a África como “a mãe de tudo o que é monstruoso na natureza” (Edward Long, 1774 apud McClintock, 2010). Curvier apelidou a raça negra de “tribo de macacos”. O filósofo Hegel declarou que a África “não faz parte da história do mundo (...) não tem movimento ou desenvolvimento para expor”. No século XIX, quando a exploração europeia e a colonização do interior africano começaram a sério, a África foi considerada como “encalhada e historicamente abandonada (...) uma terra de fetiche, habitada por canabis, dervixes e feiticeiros” (MCCLINTOCK, 2010 apud HALL, 2016, p.162).

No Brasil, sabe-se que foi a partir do século XVI que o tráfico de africanos tornou-se um negócio altamente lucrativo para comerciantes dos dois lados do Atlântico. A imagem do negro africano como exótico, foi difundida pelo mundo através de diversas formas como cartografias, registros descritos em mapas e desenhos, ilustrações e histórias jornalísticas, diários, livros de viagens, romances de aventura, entre outros. A publicidade também foi um grande fator na propagação da representação popular do negro na sociedade. “A ruptura sócio-cultural das origens africanas facilitou a internalização e manipulação de conceitos e valores ocidentais, assimilados e refletidos de forma negativa pelos negros” (Rosa, 2002, p.38).

Na Europa, havia nesta época uma forte oposição entre o que era civilizado (brancos) e o que era selvageria (negros). Além disso, a oposição entre as características biológicas ou corporais das raças negra e branca, eram marcadores determinantes para que a raça negra fosse tratada como “anormal” e inferior. Enquanto a raça branca era associada à cultura e a tudo que envolvia o desenvolvimento intelectual, a raça negra, associada à natureza, tinha ligação com tudo que era instintivo, como emoção e sentimento ao em vez de intelecto.

O próprio corpo e suas características estavam visíveis para todos e, assim, ofereciam “a evidência incontestável” para a naturalização da diferença racial. A representação da “diferença” através do corpo tornou-se o campo discursivo através do qual muito deste “conhecimento racializado” foi produzido e divulgado. (HALL, 2016, p.196)

Segundo Hall (2016), as representações populares da “diferença” racial durante a escravidão tendiam a aglomerar-se em torno de dois temas principais: o *status* subordinado e a “preguiça inata” dos negros, “naturalmente” nascidos e aptos apenas para a servidão; e inato “primitivismo”, a simplicidade e a falta de cultura, que os tornava genericamente incapazes de “refinamentos civilizados”.

A “naturalização” era uma estratégia representacional que visava fixar a “diferença” e, assim, utilizá-la para sempre. Até hoje muitas pessoas negras encontram dificuldade de “aceitarem” suas características, acreditando não fazer parte de um padrão imposto pela sociedade e procurando atingir o modelo tido como superior. A marca da escravidão comprometeu a visibilidade que o próprio negro tem de si.

A prática de reduzir as culturas do povo negro à natureza, ou naturalizar a “diferença” foi típica dessas políticas racializadas da representação. A lógica por trás da naturalização é simples. Se as diferenças entre negros e brancos são “culturais”, então elas podem ser modificadas e alteradas. No entanto, se elas são “naturais”- como acreditavam os proprietários de escravos-, estão além da história, são fixas e permanente (HALL, 2016, p.198).

Muitas das estereotipagens que os negros carregam atualmente, vêm da época da escravidão, onde eram reduzidos a alguns fundamentos fixados pela natureza, a umas poucas características simplificadas. Através do regime racializado da representação, definido por Hall (2016), os negros foram reduzidos aos significantes de sua diferença física - lábios grossos, cabelo crespo, rosto e nariz largos e assim por diante. A estereotipagem enquanto prática de produção de significados, é importante para a representação da diferença racial. A origem da exclusão do negro deu-se justamente pela estereotipagem, que estabelece uma fronteira entre o “normal” e o “pervertido”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “Outro”. As diferenças se tornam fundamentais para a produção de significados, entretanto, também carregam sentimentos negativos de expulsão.

A “diferença” é *ambivalente*. Ela pode ser tanto positiva quanto negativa: por um lado, ela é necessária para a produção de significados, para a formação da língua e da cultura, para as identidades sociais e para a percepção subjetiva de si mesmo como um sujeito sexuado; por outro, é, ao mesmo tempo, ameaçadora, um local de perigo, de sentimentos negativos, de divisões, de hostilidade e agressão dirigidas ao “Outro”. (HALL, 2016, p.160)

Hall (2016) relata que essa visão do negro na sociedade só começou a ser modificada, por exemplo nas mídias, após a década de 1950, onde filmes como *O clamor humano (1949)*, *Fronteiras perdidas (1949)*, *O que a carne herda (1949)*, começaram a abordar a questão da raça como um problema, embora ainda a partir da perspectiva do branco colonizador.

Entretanto, foi a partir do movimento dos direitos civis, a expansão de bairros de grupos marginalizados e o crescimento de uma subclasse negra, que a imagem do negro começou a se modificar.

A reivindicação por respeito à identidade cultural negra, o crescimento de uma autoconfiança afirmativa e a luta pelos direitos civis tiveram progresso a partir da luta dos movimentos civis, em meados dos anos 1950. Nos Estados Unidos, grandes movimentos negros como Black Power e Panteras Negras, foram determinantes para a expansão e divulgação da luta.

Desde a escravidão a luta faz-se presente na vida de negros. Nessa época, enquanto alguns negros lutaram na rua por seus direitos, outros protestavam em diferentes ambientes na sociedade.

Esses desenvolvimentos transformaram as práticas da representação racial, em parte porque a questão da representação em si tornou-se uma arena crítica de contestação e luta. Os atores negros protestaram por papéis mais variados na TV e no cinema e ganharam (HALL, 2016, p.186).

No Brasil, a luta também iniciou-se ainda no período escravista, como, por exemplo, com a existência de Quilombos³ que lutaram e resistiram à escravidão. O maior símbolo foi o Quilombo dos Palmares, que organizou-se em diferentes aldeias interligadas, sendo constituído por vários milhares de habitantes e possuindo forte organização político-militar. A assinatura pela Princesa Isabel, no dia 13 de maio de 1888, da Lei 3.353, mais conhecida como Lei Áurea, que “libertou” os escravos, também foi um grande marco na história da “liberdade” dos negros escravos no país. Entretanto, apesar desta lei ter sido assinada há quase 130 anos, a permanência de estereótipos e a dificuldade de permanência do negro no Brasil ainda fazem-se presentes.

A estereotipagem atua, segundo Foucault (1980 apud Hall, 2016, p.193) como um poder, mas não apenas em termos de exploração econômica e coerção

³ No Brasil, os quilombos eram criados por negros escravos fugidos que procuraram reconstruir neles as tradicionais formas de associação política, social, cultural e de parentesco existentes na África.

física, mas também em termos simbólicos ou culturais mais amplos, incluindo o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira - dentro de um determinado “regime de representação”. O poder simbólico, através das práticas representacionais e a estereotipagem, é um elemento chave deste exercício de violência simbólica.

A estereotipagem é um determinado tipo de poder - uma forma de poder *hegemônico e discursivo* que opera tanto por meio da cultura, da produção de conhecimento, das imagens e da representação, quanto por outros meios. Além disso, é circular: implica os “sujeitos” do poder, bem como aqueles que estão “submetidos a ele”. (HALL, 2016, p.200)

Independentemente da estereotipagem ainda ser presente em diversas áreas da sociedade, é interessante lembrar que, o campo da representação não é estático. As maneiras pelas quais as diferenças raciais e étnicas têm sido codificadas dentro da representação popular continuam a ser deslocadas por meio de novos padrões emergentes. “As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (Hall, 2005, p.7)

3.3 A construção de novos tipos de identidades

As identidades modernas estão sendo “descentradas”, deslocadas ou fragmentadas. A identidade cultural aproxima o sujeito à estrutura da sociedade. O sujeito que antes acreditava existir apenas uma única identidade, está se tornando fragmentado, tendo muitas vezes várias identidades, algumas vezes até contraditórias.

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2005, p.9)

A globalização tem impacto direto sobre o aspecto de mudanças de identidade cultural. As sociedades são caracterizadas pela “diferença”, ancoradas por divisões e grupos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeito, de identidades.

A medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar. (HALL, 2005, p.13)

Uma ruptura do presente com o passado foi instaurada. Não se torna mais necessário seguir padrões e tradições que antes eram exigidos. Os sujeitos que antes, por receio, não libertaram-se, hoje assumiram o papel de protagonistas de suas histórias, externalizando a sua identidade. Os movimentos sociais foram os maiores apropriadores de novas identidades. As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. As culturas nacionais, ao produzir sentido, constroem identidades. As nações são sempre compostas de diferentes classes sociais e diferentes grupos étnicos e de gênero.

É ainda mais difícil unificar a identidade nacional em torno de raça. Em primeiro lugar, porque a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades, mas eles estão tão largamente dispersos no *interior* do que chamamos de “raças” quanto *entre* uma “raça” e outra. A diferença genética- o último refúgio das ideologias racistas- não pode ser usada para distinguir um povo

do outro. A raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, é a categoria organizada daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc.- como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (HALL, 2005, p. 62,63).

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

4. FEMINISMO

O movimento feminista negro tem difundido-se em diferentes lugares no mundo. Apesar da luta das mulheres negras surgir em séculos passados, é a partir da utilização da internet como ferramenta de multiplicação de informações, que ela tem disseminado o pensamento feminista negro, através da produção e divulgação de narrativas das mulheres negras. A partir desse maior alcance, muitas negras têm a oportunidade de conhecer a história por um olhar feminino negro e refletir sobre as representações de uma sociedade escravista. A resistência das mulheres negras perpassa gerações e, gradativamente, tem empoderado esse grupo social. Ainda que o movimento tenha maior visibilidade no século XXI, as mulheres negras continuam enfrentando diariamente o racismo, o sexismo e a desigualdade de classe e, muitas vezes, sendo expostas a situação de humilhação, rejeição e/ou exploração.

Para compreender melhor a posição que a mulher negra ocupa na sociedade e a importância da busca por uma quebra da estereotipagem sobre ela estabelecidas, elaboramos uma reflexão sobre a influência do movimento feminista negro, abordando desde a resistência das primeiras mulheres negras às feministas

contemporâneas, que atuam pela linha da interseccionalidade. Autoras como Angela Davis (2013), Bell Hooks (1995), Lélia Gonzalez (1984) e Núbia Moreira (2016), nos propiciam traçar um breve resumo sobre a representação, a luta e a resistência das mulheres negras desde a escravidão.

Primeiramente abordaremos a questão dos corpos femininos negros serem utilizados como objeto na escravidão e o quanto isso influenciou na representação que a mulher negra tem na sociedade.

Mais adiante, para falar sobre o movimento feminista negro, vislumbraremos o surgimento do movimento feminista hegemônico, e após abordaremos a questão específica das mulheres negras, feminismo interseccional, que nos aponta marcadores sociais que são essenciais para uma reflexão crítica do movimento feminista hegemônico.

Por fim, dentro deste capítulo teórico sobre feminismo, analisaremos a questão do feminismo negro nas redes sociais.

4.1 O corpo da mulher negra como objeto

O trabalho sempre fez parte da vida das mulheres negras que ainda hoje segue um modelo estabelecido desde o início da escravidão. Segundo Davis (2013), como escravas, o trabalho compulsoriamente ofuscou qualquer outro aspecto da existência feminina. É a partir desse momento que se inicia a exploração da vida das mulheres negras.

Além do sofrimento que a escravidão trazia na vida dessas mulheres com trabalhos pesados, punições e açoitamentos, elas ainda eram vítimas de abuso sexual e outras barbaridades de maus tratos que apenas podem ser infligidas às mulheres.

A exploração da mulher negra na escravidão como objeto sexual, sendo sempre associada a natureza, primitiva ou até comparada a um animal, têm influência na sua posição de inferioridade na escala da sociedade ainda hoje. Devido a visão colonizada de que as mulheres negras devem sempre servir à alguém, elas ainda ocupam os cargos mais inferiores nas empresas e com o menor salário.

Apesar de tanta luta por igualdade, as mulheres negras ainda seguem sendo a base da pirâmide social, recebendo os menores salários, conforme pesquisa realizada pelo IPEA que aponta que os homens continuam ganhando mais do que as mulheres, as mulheres negras seguem sendo a base da pirâmide, e homens brancos, o topo.

Para Hooks (1991), as representações globais das negras nos meios de comunicações de massa contemporâneo continuam a nos identificar como mais sexuais, como aberrações primitivas, descontroladas.

A utilização dos corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as “mulheres desregradas” deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações incutiram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpos, sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. Vistos como “símbolo sexual”, os corpos femininos negros são postos numa categoria, em termos culturais, tida como bastante distante da vida mental. (HOOKS, 1995, online)

Além de fazer o trabalho pesado, como qualquer outro escravo, e de ser objeto sexual dos seus donos, a escrava executava o papel de mãe, amamentando e sustentando a vida das filhas e dos filhos das sinhás. Novamente a imagem feminina negra ganha significado a partir do seu corpo, constituindo então o estereótipo da “mãe preta”. Entretanto, o direito de ser mãe dos seus próprios filhos era-lhe tirado. As escravas eram simplesmente instrumentos que garantiam o

crescimento da força de trabalho escravo, após o parto as suas crianças podiam ser vendidas para longe delas como se vendiam as crias de animais. Apesar dessas escravas terem sido mais “valorizadas”, devido a capacidade de reproduzirem, elas não se ausentaram de trabalhar e nem de receber os castigos quando seus donos bem entendessem. Segundo Gonzalez (1984), é preciso romper com as representações das mulheres negras que surgiram a partir de um pensamento do colonizador branco.

O fato é que, enquanto mulher negra, sentimos a necessidade de aprofundar nessa reflexão, ao invés de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais. Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva sócio-econômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações. E isso começou a nos incomodar. Exatamente a partir das noções de mulata, doméstica e mãe preta que estavam ali, nos martelando com sua insistência. (GONZALEZ, 1984, online)

Gonzalez (1984), trabalha com as noções de consciência e memória. A consciência toma o lugar do desconhecimento, da alienação, do esquecimento e até do saber, e é partir dela que o discurso ideológico se apresenta. Já a memória é considerada o não-saber, “esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui” (Gonzalez, 1984, online). A consciência atua como discurso dominante mascarando a memória.

Entretanto, por mais que a consciência faça de tudo para que a história dos negros seja esquecida, há rotas que ela não é capaz de bloquear, e é então que o pensamento intelectual negro faz-se presente. Mais adiante trabalharemos a importância da construção do pensamento intelectual de mulheres negras.

O Brasil por muito tempo sustentou a ideia do mito da democracia racial para ocultar o racismo presente, um mito que maquia a exclusão e a intolerância mas que foi desvendado pelos negros e ainda é utilizado como instrumento de reivindicação

para a valorização da raça negra, “confrontando a mentalidade européia, que objetiva eximir toda e qualquer culpa atribuída aos brancos” (Rosa, 2002, p.25).

O mito da democracia racial exerceu sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Outra imagem oriunda da escravidão à mulher negras é a da mulata, que nos carnavais recebe o endeusamento carnavalesco mas em seu cotidiano essa mulher se transfigura na empregada doméstica. Essas duas representações se fazem a partir da mucama⁴. Assim é possível compreender a ideologia do branqueamento, a lógica que visa a dominação dos negros mediante a internalização e a reprodução dos valores brancos ocidentais.

Todas essas representações da mulher negra estão diretamente relacionadas às posições que elas ocupam na sociedade. Foi e continua sendo preciso ter muita luta para desconstruir esta visão do branco colonizador sobre os corpos femininos negros e constituir uma imagem que de fato represente a mulher negra, considerando a heterogeneidade desse grupo social.

4.2 Feminismo hegemônico

Os primeiros anos do século XIX foram turbulentos e determinantes na vida das mulheres. Devido às violações brutais das escravas, as mulheres brancas se juntaram ao movimento abolicionista. Este foi apenas um dos primeiros passos na emancipação que as mulheres viriam a dar na sociedade. Sobre os Estados Unidos, Davis (2013) relata que,

nos anos 30 muitas mulheres com tarefas econômicas tradicionais foram retiradas para o sistema fabril. Na verdade, foram libertadas de alguns dos seus opressivos trabalhos. No entanto, a incipiente industrialização da economia simultaneamente corroía o prestígio das mulheres em casa – um prestígio baseado na sua produtividade absolutamente essencial no trabalho doméstico. O seu estatuto social começou a deteriorar-se. Uma

4 Mucama era a escrava ou criada negra que vivia mais próxima dos senhores, ajudava nos serviços caseiros e acompanhava sua senhora em passeios.

consequência ideológica do capitalismo industrial foi a formação de noção mais rigorosa da inferioridade feminina. Parecia, de fato, que quanto mais as tarefas domésticas das mulheres se encolhessem debaixo do impacto da industrialização, mais rígida se tornava a assunção “o lugar da mulher é em casa”. (DAVIS, 2013, online)

As mulheres brancas que se juntaram ao movimento abolicionista estavam especialmente ultrajadas com os assaltos sexuais sobre as mulheres negras (Davis, 2013). Em 1831, o ano da revolta de Nat Turner⁵, nasceu o movimento abolicionista organizado. Essa foi uma época de grande conturbação, onde diversas revoltas e manifestações surgiam, a maior parte das mulheres prósperas começaram a lutar pelo direito à educação e pelo acesso às carreiras fora das suas casas. Davis (2013) aponta que a participação das mulheres brancas no movimento anti-escravatura também contribuiu para um pensamento crítico.

À medida que foram trabalhando com o movimento abolicionista, as mulheres brancas aprenderam sobre a opressão da natureza humana - e nesse processo aprenderam importantes lições sobre a sua própria subjugação. Afirmando os seus direitos ao oporem-se à escravatura, elas protestaram – às vezes totalmente, outras vezes implicitamente – a sua própria exclusão da arena política. Se não sabiam como apresentar as suas próprias ofensas colectivamente, ao menos podiam contestar a causa daqueles que também eram oprimidos. (DAVIS, 2013, online)

De fato o envolvimento político das mulheres brancas na batalha contra a escravatura foi intenso, apaixonante e total, porque elas experienciaram uma alternativa excitante à sua vida doméstica. (Davis, 2013) Algumas reflexões sobre como a sociedade se estruturava foram possíveis de ser realizadas a partir da participação das mulheres brancas no movimento abolicionista, como desafiar a supremacia masculina, atentar para a questão do sexismo que permanecia inalterado dentro dos seus casamentos, mas que podia ser questionado e combatido.

5 Nat Turner foi um escravo americano que liderou uma rebelião de escravos e negros livres no Condado de Southampton, na Virgínia (EUA), em 21 de agosto de 1831.

Apesar do apoio das mulheres brancas na luta pela abolição do povo negro ter sido eficaz, logo surgiu o movimento sufragista, que tinha em seu cerne o racismo embutido. Em 1888 Mississippi executou uma série de estatutos de legalização da segregação racial, e em 1890 esse estado ratificou uma nova constituição que não permitia ao povo negro votar. Davis (2013) destaca que este gesto definitivamente estabeleceu a associação sufragista como uma força política potencialmente reacionária que podia se aparentar com as exigências da supremacia branca. A união do racismo e do sexismo ganhou uma nova força, e a supremacia branca e masculina abertamente se aliaram e consolidaram uma relação. As influências dos ideais racistas estiveram mais fortes do que nunca nos primeiros anos do século XX.

O feminismo hegemônico, embora trouxesse alguns aspectos que pudessem colaborar com o discurso do feminismo negro, trazia pautas das quais algumas lacunas ficavam vazias, deixando espaço para o racismo se instaurar e ponderar sobre a vida das mulheres negras. Cláudia Pons Cardoso (2012, online) desvenda a questão do surgimento do feminismo hegemônico:

Uma das grandes preocupações da investigação feminista é que esta contribua para a promoção de mudanças sociais na vida das mulheres. Para isto, faz-se necessário, como sublinha Cecília Sardenberg, uma ciência feminista que tenha em suas bases “a desconstrução dos pressupostos iluministas quanto à relação entre neutralidade, objetividade e conhecimento científico”, visando a “construção de uma epistemologia feminista – de uma teoria do conhecimento – que possa autorizar e fundamentar esse saber que se quer politizado”. (...) A investigação feminista, ao documentar a vida das mulheres e suas experiências, os estereótipos, os preconceitos e as ideologias gerados por eixos de dominação podem ser desvelados e as estruturas, que oprimem as mulheres, desafiadas (CARDOSO, 2012, online).

O feminismo “é a luta pelo fim da opressão sexista” (Hooks, 1984 apud Cardoso, online). A partir dessa afirmação é possível refletir a questão de que a

dominação sexista não é originária de um único caminho, as mulheres têm realidades e experiências diferentes de vida e são essas diferenças que não foram supridas no discurso do feminismo hegemônico. A falta de representação e ausência de pautas específicas das mulheres negras foram determinantes para o surgimento de um movimento feminista que abordasse questões específicas desse grupo de mulheres.

4.3 Feminismo interseccional

Para as mulheres negras, o racismo é visto como uma estrutura de dominação e exclusão que marca profundamente suas vidas. A desigualdade racial, social e de gênero atuam de forma interseccional e, desta forma, a experiência com a intersecção das opressões raciais e de gênero será a base para a produção de conhecimento, logo, as desigualdades raciais, conjuntamente com as desigualdades de gênero, definem a elaboração de uma epistemologia.

Os homens negros e os grupos feministas já haviam construído um caminho de luta para garantir seus direitos, mas ainda existia a ausência de uma pauta política que não era possível de se encontrar em nenhum desses movimentos. O discurso feminista é então recriado a partir das demandas específicas das mulheres negras.

O argumento central está na afirmativa de que as ativistas negras, no Brasil, elaboraram um pensamento feminista próprio à luz de saberes, práticas e experiências históricas de resistência das mulheres negras. Um pensamento feminista crítico alimentado por valores, princípios e cosmovisões organizados a partir de referenciais negro-africanos, que defende a pluralidade epistemológica para revelar a contribuição das mulheres negras em diversas áreas do conhecimento. Um pensamento feminista negro que sustenta uma teoria e uma práxis, visando não só transformar efetivamente a vida das mulheres, mas a própria sociedade, na medida em que se assenta no enfrentamento de estruturas de poder: racismo, sexismo, divisão de classes e heterossexismo. Um pensamento

que visa a descolonização do conhecimento, isto é, aposta no desprendimento epistêmico do conhecimento europeu para pensar a própria história a partir de categorias baseadas em nossas experiências de mulheres negras na diáspora. (CARDOSO, 2012, online)

O conceito interseccionalidade, que permite analisar e compreender a complexidade de diferentes realidades sociais, como as múltiplas formas de discriminação, foi forjado, nos anos 1980, por feministas negras norte-americanas, que se preocupavam em entender os sistemas de dominação formados a partir do modo como raça, classe, sexualidade e gênero se interligam. (Cardoso, 2012) Essa abordagem interseccional abre espaço para a reconstrução de experiência vividas, posicionamento histórico, diferentes percepções culturais e uma nova construção social.

Em entrevista para o Café Filosófico CPFL⁶ Núbia Moreira (2016) destaca que desde a década de 1930 já existia um grupo de mulheres que faziam um debate sobre a condição da mulher negra, por dentro da Frente da Negra Brasileira. Mas que essas organizações eram um grupo pontual, relevante para os estudos e para a militância das mulheres negras do Brasil. Na década de 1970, em contato com as lutas anti-racistas e com as lutas feministas, as mulheres negras começam a se organizar mais ativamente no sentido de lutar por direitos e melhores condições de suas vidas. Moreira (2016) aponta também a importância de espaços para debater sobre as questões do movimento.

No final da década de 1980 e no início dos anos 1990, essas organizações elas se mobilizam e criam vários espaços de debates. Nós vamos ter mais ou menos 7 encontros. O I Encontro Nacional de Mulheres Negras⁷, é um encontro que demarca, para nós mulheres negras, esse espaço de que: o que nós vamos fazer das nossas vidas, e também é contemporâneo ao

6 Canal no Youtube a TV Cultura em parceria com o Instituto CPFL com transmissão simultânea do programa que vai ao ar todo domingo às 21h. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TQa0La1YIFw>

7 I Encontro Nacional de Mulheres Negras, I ENMN, foi realizado em dezembro de 1988, em Valença - Rio de Janeiro.

centenário da abolição, o momento em que o movimento negro parece que sai a cena no país, para pensar e cobrar o Estado brasileiro. (...) Participaram desse encontro 450 mulheres negras. As mesmas questões que estavam discutindo na década de 1980, continuam na ordem do dia. (MOREIRA, 2016, online)

Moreira (2016) pontua alguns aspectos que foram fundamentais no surgimento do feminismo negro, sendo assim a falta de espaço político, o centenário da abolição, a relação com mulheres africanas e da diáspora negra e a intersecção entre movimento negro e feminista. Ela também destaca a importância da prática teórica acadêmica que está sendo acompanhada por uma prática política, reflexões e produções da mulher negra, que representam a produção de autoras que lutam pelo lugar de fala. Lugar este que critica uma representação da mulher negra como corpo sem mente.

Em *Intelectuais Negras*, Hooks (1995), já direcionava seu pensamento pela mesma lógica, considerando a importância da existência de um pensamento crítico sobre como a sociedade estrutura-se. Ela analisa sobre os reflexos que a sociedade racista causa nas mulheres negras e de que forma ele impede que muitas dessas mulheres sequer cogitam o trabalho intelectual como vocação. Num contexto social capitalista, de supremacia patriarcal branca como esta cultura, nenhuma negra pode tornar-se intelectual sem descolonizar a mente. É preciso romper os estereótipos sobre a mulher negra para criar um pensamento crítico.

Kimberlé Crenshaw (2002) propõe um modelo analítico que aponta os marcadores sociais como resultantes de processos de dominação e opressão, e também construtores de identidades. Esses marcadores sociais são meios que promovem a desigualdade entre os grupos sociais, mas, também, podem ser acionados pelas mulheres em situações de agenciamento e empoderamento para o questionamento das estruturas de opressão (Cardoso, 2012, online).

Patrícia Hill Collins (2000, apud Cardoso, 2012, online), define o termo empoderamento relatando que ele implica rejeitar as dimensões do conhecimento, quer pessoal, cultural ou institucional, que perpetuam a objetificação e a desumanização dos indivíduos. Segundo a autora, as mulheres negras fortalecem-se e tornam-se empoderadas quando entendem e usam, individualmente e em grupo, as dimensões e as formas disciplinares de saber que promovem a sua/nossa humanidade como sujeitos plenamente humanos.

Chimamanda Ngozi Adichie (2015), diz que é preciso que tenhamos raiva para seguir lutando, e que muita coisa foi conquistada através da raiva carregada com as lutas.

A questão do gênero, como está estabelecida hoje em dia, é uma injustiça. Estou com raiva. Devemos ter raiva. Ao longo da história, muitas mudanças positivas só aconteceram por causa da raiva. Além da raiva, também tenho esperança, porque acredito profundamente na capacidade de os seres humanos evoluírem. (ADICHIE, 2015, pg. 24)

A utilização da internet como ferramenta de divulgação da luta e resistência da mulher negra tem sido essencial para o crescimento do movimento feminista negro. Além de todas as pautas já apontadas, novos debates surgem, como por exemplo a solidão da mulher negra e a questão estética.

As feministas jovens, que já se auto intitulam feministas negras, estão pautando a questão do empoderamento político estético, que tem também como crítica a representação de uma estética padronizadas da mulher negra, como estética que está sempre olhando para uma estética que não é a estética que conforma dentro do seu corpo. (MOREIRA, 2016, online)

Para Moreira (2016), a centralização de pautas dos movimentos sociais e a união dos feminismos na luta por espaços de ampliação da democracia é o que falta para que tenha-se resultados eficazes mais rapidamente na transformação da sociedade.

4.4 Feminismo negro nas redes sociais

O ativismo na internet é um novo fenômeno que vem destacando-se nas redes sociais, e o feminismo negro está inserido nesse contexto. Para além das instituições e da grande mídia, as mídias sociais têm agido de forma a disseminar o pensamento feminista negro em todos os cantos do mundo. A internet, que atua como uma ferramenta para a divulgação da luta e resistência das mulheres negras, vem trazendo para a agenda pública novos debates, olhares e relatos, capazes de expor o quão sexista, racista e opressora a sociedade é. A partir daí é possível refletir sobre quais atitudes devem ser tomadas para que haja, de fato, uma transformação na sociedade.

Com as novas plataformas midiáticas e o aceleração do surgimento de novas tecnologias da informação, as formas de sociabilidade também foram modificadas e ampliadas. O que estamos acompanhando nesse século XXI e desde o século passado é a formação de sociedades em rede, onde as discussões sociais estão sendo pautadas e travadas nessa esfera (OLIVEIRA, 2016, online).

Por meio de ações coletivas, o ciberespaço é capaz de abrigar diversas formas de relações e organizações. A interação ocorrida nas redes sociais surge do interesse em querer algum tipo de mudança, seja na vida das pessoas ou de organizações.

São métodos de interação que sempre visam algum tipo de mudança concreta na vida das pessoas e/ou organizações envolvidas, seja na busca de soluções para problemas comuns, na atuação em defesa de outros em situações desfavoráveis, ou na colaboração em algum propósito coletivo. As interações de indivíduos em suas relações cotidianas – familiares, comunitárias, em círculos de amizade, trabalho, estudo, militância etc. – caracterizam as redes sociais informais, que surgem sob as demandas das subjetividades, das necessidades e das intensidades. (AGUIAR, 2008, Apud DE OLIVEIRA, 2016, online)

É preciso que se fale sobre feminismo negro para que as mulheres e a sociedade no geral vislumbrem a importância desse debate, e o quanto as marcas deixadas pela escravidão ainda estão fortemente ativas no cotidiano das mulheres negras. Hooks (1995) acredita que quando a sociedade focar nas questões de gênero, surgirá um novo interesse de jovens negras no debate feminista negro.

Quando comunidades negras diversas enfocarem os problemas de gênero e trabalho de estudantes for lido e/ou discutido mais amplamente nesses lugares, as intelectuais negras terão apenas, não maior reconhecimento e visibilidade; haverá também maior estímulo para que as jovens estudantes escolham caminhos intelectuais. (HOOKS, 1995, online)

Castells (2013) reforça as potencialidades das organizações sociais ao utilizar as redes sociais como ferramentas de transformação. Para ele o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano. Para além da representatividade, os movimentos sociais na internet buscam a participação nas agendas políticas da sociedade.

Adichie (2015) aponta que a questão de gênero é importante em qualquer lugar do mundo, e que é essencial que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Para ela o segredo de tudo está na forma como os pais criam seus filhos e filhas.

5 O BLOG BLOGUEIRAS NEGRAS

O objeto do presente estudo é o blog Blogueiras Negras que, segundo as administradoras, é um site colaborativo coordenado por um grupo de mulheres cujo principal interesse é ser uma plataforma de publicação de autoras negras. Apesar de

ser coordenado por somente duas mulheres, Charô Nunes⁸ e Larissa Santiago⁹, o site apresenta produções de mulheres negras de todo o país. As facilitadoras do blog são responsáveis pela seleção dos textos, manutenção do site, editoria e organização de material e comunidade. O foco do blog está no estímulo a criação de conteúdo direcionado ao empoderamento e a visibilidade de histórias que em nenhum outro espaço são contadas. Um lugar onde mulheres negras são acolhidas por outras mulheres negras para difundir sua história e seu conhecimento ao mundo.

O site “blogueirasnegras.org/” é originalmente um projeto criado a partir da Blogagem Coletiva da Mulher Negra que reuniu um grupo de mulheres e institucionalizou o blog, em 8 de março de 2012. Todas as produções do blog são independentes e produzidas por e para mulheres negras. A utilização da plataforma como ferramenta de resistência e luta pelas blogueiras negras atua de forma com que elas possam ser as protagonistas de suas próprias histórias, exercício que é continuamente negado a esse grupo social devido a uma sociedade estruturalmente discriminatória e desigual, e que mostrem uma visão do mundo através de um olhar feminino negro para outras mulheres.

Desde o primeiro momento nosso desejo era ser referência para as mulheres de ascendência Africana e aqueles que se identificam com o feminismo e a luta antirracista das mulheres negras. Somos uma comunidade online com mais de 1.300 mulheres. Somos um veículo de comunicação produzindo um conjunto de informações atualizadas 5 vezes por semana, com textos originais, atingindo não só nós mulheres negras e afrodescendentes, mas também todos aqueles que lutam, vivem e partilham do projeto feminista e antirracista de sociedade. (BLOGUEIRAS NEGRAS , 2012)

As Blogueiras Negras demonstram, na própria apresentação do que é o site, um olhar crítico sobre a representação da mulher negra na sociedade, pautando

8 Charô Nunes é arquiteta e urbanista e trabalha com a comunicação desde o início do Blogueiras Negras.

9 Larissa Santiago é publicitária e dedica-se a coordenar espaços virtuais e offline junto com as Blogueiras Negras

sempre a questão da invisibilidade nas mídias, os estereótipos que os corpos negros carregam e a falta de acesso a referencial teórico sobre a história através de um olhar feminino negro. O texto produzido pela mulher negra constitui seu corpo afetivo, político, identitário e comunitário a ser valorizado. As administradoras do site acreditam que o projeto revelou não somente a existência de um grupo de blogueiras negras escrevendo muito bem, mas também a necessidade de existir espaços de visibilidade para produções significativas.

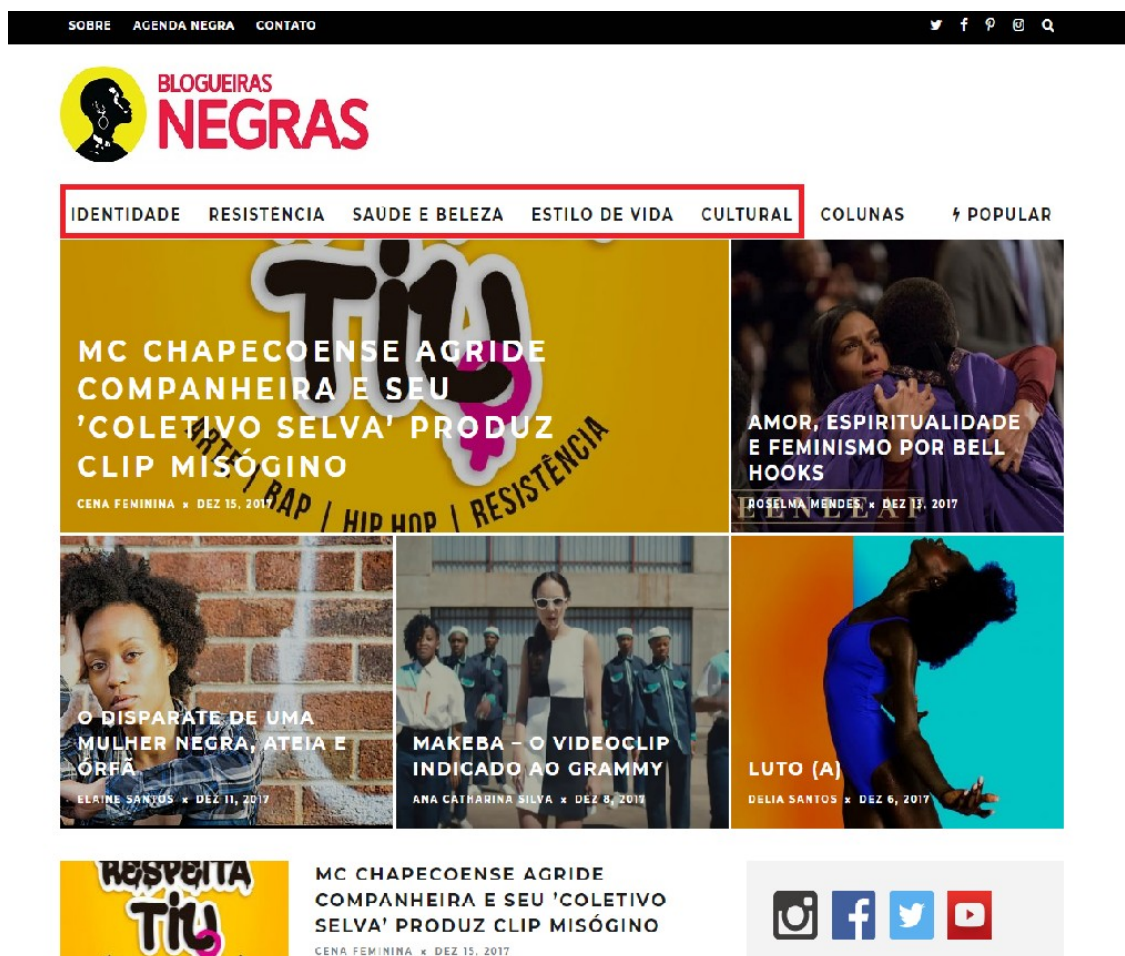
Além de utilizarem o blog como ferramenta de combate ao racismo, sexismo, lesbofobia, transfobia, homofobia e gordofobia, operam de maneira que se constrói uma comunidade, um espaço de acolhimento e empoderamento desse grupo de mulheres.

Como espaço de discussão, festejaremos nossa afrodescendência. Resignificaremos o universo feminino afrocentrado através do registro de nossas histórias e sentimentos. Escrevendo, gravando e produzindo, construindo nossa própria identidade como mulheres e afrodescendentes. Mulheres de pena e teclado, reinventando a tela para que amplifique nossas vozes. (NUNES, Blogueiras Negras, 2012)

O Blogueiras Negras se divide em cinco categorias, sendo elas: Identidade, Resistência, Saúde e Beleza, Estilo de vida e Cultural. Em nossa análise optamos por não classificar como categoria a Colunas, pois nem todos os escritos nela são livres, alguns contém entrevistas direcionadas.

As categorias selecionadas para o presente trabalho encontram-se na parte superior do site, conforme a figura 1, e não as categorias estabelecidas no blog que ficam no canto inferior direito.

Figura 1. Categorias selecionadas para análise



Fonte: Blogueiras Negras (2017)

Dentro de cada categoria há direcionamentos específicos de temas. A apuração das produções encontradas no blog foi feita no dia 13 de dezembro de 2017. Elaboramos algumas planilhas para que tenhamos uma noção melhor da quantidade de produções que já foram desenvolvidas pelo Blogueiras Negras, até a data de apuramento.

Conforme o blog, dividimos as categorias e nomeamos os temas específicos de acordo com as tabelas abaixo:

TABELA 2

| IDENTIDADE | PRODUÇÕES |
|----------------------|------------------|
| Cotidiano | 60 |
| Identidade | 255 |
| Preconceito | 36 |
| Infância e juventude | 338 |
| Religião | 16 |
| Educação | 62 |

TABELA 3

| RESISTÊNCIA | PRODUÇÕES |
|--------------------|------------------|
| História | 22 |
| Resistência | 388 |
| Política | 39 |
| Feminismo | 132 |
| Negras notáveis | 62 |
| Violência | 62 |
| Pessoas | 14 |

TABELA 4

| SAÚDE E BELEZA | Produções |
|-----------------------|------------------|
| Saúde | 30 |
| Beleza | 34 |
| Corpo | 22 |
| Sexualidade | 34 |

TABELA 5

| ESTILO DE VIDA | PRODUÇÕES |
|------------------------|------------------|
| Moda | 7 |
| Esporte | 11 |
| Relações interpessoais | 28 |
| Urbanidade | 14 |
| Trabalho | 21 |

TABELA 6

| CULTURAL | PRODUÇÕES |
|------------------------------|------------------|
| Arte | 37 |
| Cinema | 20 |
| Culinária | 3 |
| Cultura (muitas repetem) | 222 |
| Literatura (algumas repetem) | 36 |
| Mídia (banalização repete) | 48 |
| Música | 23 |
| Poesia | 18 |
| Televisão | 21 |

É interessante ressaltar que, apesar dos temas serem visualmente bem divididos dentro das categorias, há temas que se apresentam em mais de uma categoria, eles se repetem. Por exemplo, devido a proximidade de assunto, algumas produções que se encontram na categoria CULTURAL, também são possíveis de se achar em IDENTIDADE.

Além dos objetivos centrais serem a produção e divulgação de diversos conteúdos de cunho feminista, antirracista e que se posicionem contra as opressões que assolam as mulheres negras, o Blogueiras Negras também atua de maneira a promover e celebrar a cultura afrodescendente através da mídia negra, usando

como instrumentos as bases midialivristas e democráticas de comunicação, buscando sempre o diálogo com a sociedade, deixando seus espaços abertos a interação, contribuindo com a comunidade na troca de informação.

6 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia adotada no presente estudo é a Análise de Conteúdo (AC) à luz de Laurence Bardin (2010). Neste momento buscamos explicar a metodologia utilizada nesta parte empírica, conceituando seus passos e posteriormente explicitando os procedimentos adotados na análise do *corpus* para que possamos concluir de que maneira o Blog Blogueiras Negras utiliza a internet como um espaço de ativismo e resistência, disseminando o conhecimento sobre o feminismo negro e empoderando as mulheres negras. O método desenvolvido por Bardin (2010) é constituído em três fases de aplicação: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento de resultados.

6.1 Pré-análise

A pré-análise é a etapa de organização, partindo-se de intuições que, através de um plano de análise, consigamos manusear e sistematizar as ideias iniciais. Bardin (2010) indica três objetivos nesta fase: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objectivos e a elaboração de indicadores que fundamente a interpretação final” (Bardin, 2010, p. 121).

Segundo Bardin, a pré-análise é a etapa mais aberta da análise de conteúdo. Na leitura flutuante, foi possível uma observação exaustiva do material, sendo realizada nesta fase a primeira delimitação na escolha dos documentos. Por intuição formada a partir do contato com o Blogueiras Negras, já tínhamos uma

opinião fundamentada e que reforçamos na etapa da leitura flutuante: o Blogueiras Negras utiliza, efetivamente, a internet como um espaço de ativismo e resistência da mulher negra. Então, o objetivo buscou tipificar quais temas são abordados no blog, procurando entender de que maneira essas blogueiras utilizam a internet como um espaço de ativismo e resistência, disseminando o conhecimento sobre o feminismo negro e empoderando as mulheres.

Para isso, elaboramos alguns indicadores que deram origem às primeiras sistematizações de análise das produções: contextualização do blog; desconstrução do estereótipo da mulher negra - consideramos aqui os estereótipos provindos do período da escravidão pelo olhar do colonizador branco; e valorização das mulheres negras na sociedade - entendemos aqui a valorização em diferentes áreas do conhecimento humano.

Como existem temas muito similares, reformulamos as divisões de maneira com que fique mais sistematizado e objetivo. De 31 temas existentes nas cinco categorias, reduzimos para 23. Sendo eles, categoria e temas, respectivamente: 1) **IDENTIDADE:** Cotidiano, Identidade, Preconceito, Infância e Juventude, Educação e Religião; 2) **RESISTÊNCIA:** História, Resistência, Política, Feminismo e Violência - nesta categoria suprimos a categoria Negras Notáveis e Pessoas, entendendo que elas podem ser inseridas em Feminismo, já que se tratam de produções que trazem mulheres importantes para o feminismo; 3) **SAÚDE E BELEZA:** Saúde, Beleza, Corpo e Sexualidade; 4) **ESTILO DE VIDA:** Moda, Esporte, Relações Interpessoais e Trabalho - nesta categoria removemos a categoria Urbanidade, visto que maioria das produções pode migrar para Cotidiano, entre outras categorias; 5) **CUTURAL:** Cultura, Culinária, Literatura e Mídia - nesta última categoria retiramos as categorias de Arte, Cinema, Música, Poesia e Televisão, utilizando o critério de que há possibilidade delas serem incluídas em alguma outra categoria que tenha o assunto próximo.

6.2 Exploração do material

A partir da formação do *corpus*, constituído por 23 temas existentes no blog, podemos chegar a algumas conclusões. Para isso, avançaremos para a exploração do material.

O ativismo na internet é um fenómeno do século XXI que vem se expandindo cada vez mais. A utilização das redes sociais como mídia alternativa, possibilita com que as pessoas percebam a sociedade e o mundo pelo olhar do Outro, e não de maneira imposta e pré-determinada como ocorre através das mídias tradicionais. É a partir dessa nova visão que muitas pessoas conseguem se expressar e reivindicar suas pautas. A existência de espaços que dão voz a grupos historicamente excluídos da sociedade é essencial para que os mesmos consigam manifestar suas inquietações e aspirações. O Blogueiras Negras, inserido neste contexto, atua de maneira a contribuir com o incentivo para que mulheres negras possam narrar suas experiências e, através de suas histórias, ajudar outras mulheres que vivenciam situações parecidas diariamente. A iniciativa de procurar outras formas de resistir dá-se pela raiva, como afirma Castells (2013), para que as pessoas consigam libertarem-se e ir à luta pelos seus direitos. O blog, sendo uma rede social, é capaz de “abrigar as mais diversas formas de se relacionar e se organizar,” (De Oliveira, 2016, online) através de seu entrelaçamento, podendo provocar grandes mudanças por meio de ações coletivas organizadas.

O Blogueiras Negras, tratando-se de um blog colaborativo, atua, segundo Recuero (2008), para além de uma ferramenta de publicação, como uma ferramenta de comunicação, onde ocorrem diferentes tipos de interações. Apesar do Blogueiras Negras ter como foco principal pautas relacionadas a questão da mulher negra na sociedade, por se tratar de um blog grupal (Primo, 2008), ele nos apresenta opiniões individuais. Entretanto, há uma seleção sobre quais produções serão publicadas no

site. As administradoras são as responsáveis pela montagem da agenda do blog, é a partir dessa agenda que são selecionados os textos. O material é enviado através do e-mail do blog e revisado pelas organizadoras, havendo ajustes se necessário.

As relações sociais formadas a partir das mídias alternativas podem motivar outros tipos de conversações, que vão além do meio virtual. Através da realização de encontros regionais (denominados “encontrinhos”), o Blogueiras Negras se expande, criando laços sociais (Recuero, 2008, online).

Em 2015, impulsionadas pelas redes sociais, foram organizadas marchas em todo o país com o mote “Orgulho Crespo”, o intuito foi o de reunir a população negra em prol do orgulho de seus traços étnicos e de sua negritude. Esse espaço reuniu ativistas, militantes sociais, blogueiras sobre a estética negra e outros. (DE OLIVEIRA, 2016, online)

O Blogueiras Negras, opera por meio dos dois laços definidos por Recuero (2009), laço associativo e laço dialógico. Apesar de haver, por exemplo, uma interação na ferramenta de comentários do blog, o que o configura como um laço dialógico (compreendidos principalmente através da interação social mútua), há uma moderação e avaliação dos comentários, que apenas são aprovados mediante pelas administradoras, conforme políticas estabelecidas pelo site, o que na verdade o configura como um laço associativo (construídos através da interação social reativa). Feita a contextualização do Blogueiras Negras, é possível perceber na escrita das blogueira a angústia de carregar sentimentos dos quais são naturalizados pela sociedade racista, machista e desigual, mas que não deveriam existir. Na categoria IDENTIDADE, no texto “A morte e mim”, a blogueira Simone Pereira expressa sua ânsia por trazer consigo estereótipos de uma outra época, mas que interferem diretamente na vida das mulheres negras.

O que sinto é o isolamento da mulher negra entre os estereótipos carnais e conceituais. A dor de ser quem é e ser constantemente julgada por não ser boa o suficiente, por não ser aceita o suficiente, por não sorrir o suficiente (PEREIRA, Blogueiras Negras, 2017).

Esse sentimento de exclusão que a blogueira tem é compartilhado por muitas mulheres negras. Um fator determinante para a existência desse sentimento de não pertencer a uma sociedade padrão, é a falta da representatividade de mulheres e homens negros. É extremamente importante que perceba-se a emergência de desconstruir os estereótipos impostos sobre as pessoas negras, para que seja possível começar a construção de uma nova visão sobre esses corpos na sociedade. Assim como os escravos deram os primeiros passos para a luta por igualdade, diversas outras medidas ainda precisam ser tomadas para que, mesmo que por um lento processo, haja uma transformação na sociedade. É preciso falar sobre os problemas que existem na sociedade para poder resolvê-los. Enquanto vivermos acreditando que o racismo e o machismo são coisas do passado - como por exemplo, reproduzir o discurso de que apenas os homens mais velhos são machistas; não perceber que a população que está mais exposta a pobreza, às posições de vulnerabilidade, à morte, entre outros fatores os quais prejudicam a sobrevivência humana, é a população negra; não enxergar que forma como o mundo se estrutura é apenas reflexo de uma sociedade patriarcal colonizada por brancos - não é possível haver transformação na sociedade.

As novas representações e identidades das mulheres negras construídas na sociedade, existem devido a uma luta diária contra a desigualdade de raça, gênero e social. Graças a uma constante tentativa de ruptura com o passado, está sendo possível traçar um novo caminho para essas mulheres, que ainda se mantêm sendo a base da pirâmide social, mas que vem conquistando o seu lugar na sociedade. O mundo é completamente heterogêneo, é algo de extrema ignorância querer que os sujeitos sejam iguais. Falamos em igualdade social, mas respeitando e considerando as diferenças de identidade de cada pessoa, cada vez mais é possível construir um novo olhar sobre o Outro. A busca pela quebra de estereótipos de inferioridade, incapacidade intelectual, força física e servidão atribuídos pela

sociedade racista, dá-se a partir do momento em que a imagem da mulher negra é constituída de novas maneiras. Inseridas nos meios acadêmicos, construindo um pensamento crítico e uma nova visão de mundo, nos movimentos sociais ou em setores da sociedade que por muito tempo lhes foram negados, as mulheres negras reproduzem uma nova e reformulada imagem sobre quem verdadeiramente são.

É possível perceber nas produções do Blogueiras Negras um aumento do pensamento crítico feminino negro sobre a sociedade. A “intelectualidade” branca não é mais aceita como a única e verdadeira, assim como aponta a blogueira negra Juliana Costa, em sua produção para o blog, na categoria IDENTIDADE:

A “intelectualidade” branca me aborrece. Pessoas brancas não sabem dialogar conosco sem desqualificar o nosso conhecimento teórico, ainda tem a mania infame de dizer as mesmas coisas que dizemos e dizer que não foi daquele jeito que havíamos anunciado. Isto compõe uma das dimensões do epistemicídio. Acredito que ainda há no âmbito da intelectualidade brasileira certa dificuldade de aceitar a intelectualidade vinda de pessoas negras. Pensar e dizer o que se pensa sobre os conhecimentos dentro da academia compõe uma rotina de pesquisadores negrxs que assumem uma luta antirracismo dentro das Universidades. (COSTA, Blogueiras Negras, 2017)

Esse epistemicídio ao qual a autora refere-se é a destruição de conhecimentos, de saberes e de culturas não assimiladas pela cultura branca ocidental. Ela reconhece a desqualificação que é imposta sobre as pessoas negras quando trata-se da intelectualidade. Em seu texto é presente a palavra luta, incentivando e afirmando o papel das pesquisadoras negras nas universidades.

Na categoria IDENTIDADE, selecionamos uma produção que mostra claramente o quanto o preconceito está presente em nossa sociedade. O texto trata de uma “Nota de Solidariedade e reivindicação às cinco mulheres assassinadas em Itajá - Rio Grande do Norte”, caso ocorrido em julho de 2015. Na publicação, as blogueiras negras, de diferentes movimentos sociais, manifestam sua indignação ao caso que não tem resposta ou justificativa, e a forma como foi tratado pela imprensa.

As blogueiras afirmam que não podemos nos calar diante de tamanha desumanidade, desigualdade e destruição de um povo que luta diariamente por condições mais dignas.

Repudiamos a violência contra as companheiras Patrícia Regina Nunes, Maria Daiane Batista, Menininha, Ceixa e Cássia Raiane, mulheres trabalhadoras e dignas de usufruírem o direito à vida como todas. Repudiamos o machismo e lgbtfobia. Repudiamos o racismo e o extermínio do povo negro. Exigimos urgência de políticas públicas para as mulheres em situação de prostituição. Exigimos também o máximo de empenho na apuração dos fatos, de modo que os executores sejam responsabilizados, e respeito à memória dessas mulheres. (MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS; BLOGUEIRAS NEGRAS; COLETIVO ENEGRECER; MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES; ASSOCIAÇÃO AFRO-RELIGIOSA ILÊ YABÁ OMI; COLETIVO MANIFESTO CRESPO; COMISSÃO DA DIVERSIDADE SEXUAL E COMBATE À HOMOFOBIA DA OAB/PA, 2015).

Discorrendo sobre a questão da violência, a blogueira Gabriela Gonçalves, na categoria RESISTÊNCIA, pontua a questão do genocídio da população negra como projeto de extermínio. Para além, ela afirma que muitas organizações do movimento negro caem no erro de reduzir a pauta sobre o genocídio ao assassinato de jovens negros, desconsiderando a questão do gênero e efetuando o apagamento de mulheres negras. Entretanto, aponta que o feminismo interseccional faz-se presente justamente para que haja esses recortes de raça, gênero e classe. Percebemos que é justamente por esse e outros motivos que espaços como o Blogueiras Negras são fundamentais, para trazer o debate sobre questões que são apagadas ou silenciadas na sociedade e refletir sobre ações das quais contribuam na busca por um mundo mais justo. Observamos que, infelizmente, a forma como a sociedade se estrutura influencia diretamente na propagação do pensamento racista e machista, fazendo com que cresça cada vez mais o número de morte das mulheres negras. O Atlas da Violência de 2017 comprova a efetividade com que o machismo e o racismo agem na sociedade, trazendo números alarmantes em

relação as mulheres negras. Entre 2005 e 2015 houve um aumento de 22% de vítimas desse grupo social.

Não apenas a violência física, mas a psicológica também atua fortemente sobre as mulheres negras. Na categoria SAÚDE E BELEZA, a blogueira Mara Gomes nos apresenta uma reflexão sobre o campo da psicologia e o quanto ele torna-se excludente em relação às pessoas negras. Apesar de existir exceções, em sua maioria o campo da psicologia é branco, eurocêntrico, elitista e individualista, onde o dinheiro fala mais alto e os psicólogos tratam o sujeito como cliente e não paciente. Em seu texto a blogueira, estudante de psicologia, relata que durante seu percurso acadêmico nunca estudou nenhum autor negro e que isso só comprova que a psicologia não é um lugar acolhedor para todos. Ela questiona como as mulheres negras vão procurar ajuda com alguém que não entende nada sobre a sua vivência e sobre o racismo, pessoas que não consideram o racismo como um problema brasileiro. Em forma de desabafo e incentivo ela busca responder ao questionamento lançado:

O meu maior propósito com esse texto, que vem em forma de desabafo, é dizer que nós não precisamos sofrer, nós não precisamos viver resistindo constantemente porque alguém nos disse que negro é forte, que negro não pode reclamar, que sofrer e chorar é frescura. É preciso colocar o nosso poder de mudança, o poder do nosso ato de existência além da resistência pura. Por existir sentimos, por sentirmos também sofreremos, e por sofreremos precisamos inevitavelmente desabafar. (GOMES, Blogueiras Negras, 2015)

A blogueira Simone Ferreira, ainda na mesma categoria, relata um desabafo. Em seu caso, afirma ter seu corpo cansado de abusos, infrações e descuidos, e apesar de seu relato ser melancólico, deixa nítido que o intuito do texto não é fazer com outras mulheres negras também sofram, mas que saibam que muitas delas não estão sozinhas por se sentirem cansadas, fracassadas ou desanimadas. Ainda que em seu texto seja evidente o desânimo, é possível perceber que acontece, de certo modo, o incentivo a escrita em seu discurso, pois ela relata que escrever e

desabafar é o que evita com que sofra e se afunde. Consideramos que por se tratarem de experiências pessoais, muitos desabafos e incentivos operam de maneira com que as leitoras sintam-se mais próximas das que vos escreve.

Na categoria IDENTIDADE selecionamos outro texto que também é um desabafo. O relato da blogueira Laísa Gabriela Sousa, expressa seu sentimento de dor ao vivenciar a intolerância religiosa. Essa intolerância, também fruto de uma sociedade que sempre proibiu os escravos de cultuar sua religião, alegando que os mesmos cultuavam o “demônio”, tem um peso simbólico enorme, na medida em que influencia atitudes trágicas tomadas por aqueles sujeitos que não aceitam a religião do Outro. Ofensas, abusos, atos de violência contra templos e fiéis, divindade queimadas e até mesmo apedrejamento em criança, são alguns dos atos inconsequentes que se fazem presentes na sociedade.

Hall (2016), como visto anteriormente, afirmou que os significados culturais não estão somente na nossa cabeça - eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e, conseqüentemente, geram efeitos reais e práticos. Ele declarou ainda que as imagens que temos à nossa volta nos auxiliam a compreender o mundo em que vivemos, mas que essas imagens foram uma construção sócio-cultural e trazem influência da visão que se tinha desde o Iluminismo. Portanto, se a sociedade é capaz de, dentro das culturas humanas, construir sentidos de representações, ela também é capaz de desconstruí-los, ou melhor, reconstruir sentidos na imagem da pessoa negra na sociedade, dando-lhes um novo significado. Os sentidos sempre podem mudar de uma cultura para outra e de um período para outro.

Ainda na categoria IDENTIDADE analisamos o material sobre educação, onde percebemos a mulher negra situada em ambientes como a escola e a universidade, mas que esses locais não possuem acolhimento de pessoas negras, ao contrário, há historicamente uma exclusão simbólica desse grupo social nesses

lugares. Quanto menos negros e negras intelectuais existirem, menos precisará debater sobre questões raciais, por exemplo. A educação formal sistematicamente retirada da população negra depara-se com a presença do Outro e com isso esbarra em questionamentos emergentes que precisam ser respondidos. Entretanto, não são todos os sujeitos que “aceitam” a inserção desse grupo social em espaços dos quais eles não faziam parte. Conforme Hall (2016), o sentido é o que nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade, de quem somos e a quem “pertencemos” - e, assim, ele relaciona a questão sobre como a cultura é usada para restringir ou manter a identidade dentro do grupo e sobre a diferença entre grupos. A blogueira Raescla Ribeiro de Oliveira assimila a presença do negro nas universidades à época da escravidão.

A universidade é racista e precisa ser colocada em negrito. A universidade brasileira apresenta-se como uma Casa Grande, já que o seu espaço produtor é o racismo, é veloz em invadir a intelectualidade negra, já que o conhecimento lá produzido ainda são em maioria reflexos de uma sociologia branca. A voz do sinhozinho ecoa pelos corredores da universidade, Gilberto Freyre é exalado, Monteiro Lobato não é questionado. (DE OLIVEIRA, Blogueiras Negras, 2016)

Por muito tempo a falta de acesso a autoras e autores negros foi responsável pela ausência da elaboração de um pensamento crítico sobre sociedade. Porém, através da atuação da internet como ferramenta de comunicação, foi possível desenhar um novo destino para esse grupo historicamente excluído. A importância e a influência que espaços como o Blogueiras Negras têm, é notada justamente nesse sentido, de disseminar o conhecimento e empoderar as mulheres negras.

Analisando a categoria RESISTÊNCIA, percebemos o protagonismo histórico das mulheres negras desde o período da escravidão. A interpretação que a blogueira Larissa Santiago nos apresenta, traz uma reflexão sobre de que maneira a abolição criou a falsa ilusão de liberdade para as pessoas negras. Conforme a

blogueira, ainda hoje lutamos por liberdade, dignidade e visibilidade. Os negros sempre tiveram que se organizar para resistir, como escravos revoltosos, os abolicionistas e agora as ativistas anti-racismo. A mulher nesse processo desempenhou um papel importante na transmissão de saberes, no cuidado com o quilombo e também na luta.

A importância de um feminismo que aborde as questões da mulher negra é reforçada pela blogueira Patricia Anunciada, que em sua produção para a categoria RESISTÊNCIA, questiona até que ponto o feminismo é inclusivo ou exclusivo. Ela acredita em um aumento no número de mulheres que se afirmam feministas e que aos poucos está ocorrendo uma mudança no cenário social, entretanto, algumas pessoas que se afirmam feministas oprimem outras pessoas com base em marcadores da diferença como cor, classe social e orientação sexual. É neste contexto que o termo interseccionalidade ganha forças, visando dar conta de uma série de opressões a que as mulheres negras são submetidas. Ela ainda afirma que devemos questionar e analisar em que medida estamos contribuindo para a libertação de todas as mulheres ou apenas de um determinado segmento social e historicamente privilegiado. Percebemos no discurso da blogueira um empoderamento sobre o assunto abordado, capaz de contextualizar, brevemente, o surgimento do feminismo interseccional e questionar o feminismo hegemônico, além de trazer referências teóricas de grandes nomes como Lélia Gonzalez, Audre Lorde, Sueli Carneiro, entre outras. O discurso produz o conhecimento e este é sempre uma forma de poder. Portanto, utilizando esse poder, a blogueira consegue dialogar de maneira horizontal, compartilhando seus conhecimentos com outras mulheres negras.

Nos últimos anos, cresceram os debates sobre a estética negra no Brasil, a partir do fenômeno de “afrentamento”, que se refere a pessoas que passam a assumir com garra sua identidade racial. Na categoria RESISTÊNCIA, as blogueiras

Bruna Rocha e Samira Soares, ao falarem dessa nova forma de luta e resistência das jovens mulheres negras, não deixam de associar esse acontecimento à política. Os cabelos crespos ou cacheados atuam como símbolos de resistência e representação no meio social, o que influencia diretamente na autoestima da população negra.

As blogueiras afirmam que há uma crescente valorização sobre a identidade negra que permite a recusa de um padrão imposto pela sociedade de supremacia branca. Através desse empoderamento estético, a juventude negra age de forma a contribuir com o combate ao racismo, ao machismo e ao classismo. Os relatos nas redes sociais através de textos longos de desconstrução, fortalecem a luta

O termo “tombar”, nesse contexto, é ressignificado, de tal forma a não ser mais utilizado para banalizar mortes de pessoas negras no Brasil, mas para dizer que “já que é pra tombar, tombamos”.

Tombar no sentido de assumir os cabelos, ao ingressar na universidade, ao ocupar espaços da política. As jovens feministas negras deixam um recado:

Somos uma juventude que busca representatividade com a mesma urgência com que lutamos por sobrevivência. Deslegitimar o debate da geração tombamento é uma mera reprodução do racismo, além de miopia política. Somos uma geração que subvertemos muitas imposições do capitalismo em nossa vida, a exemplo do consumo, para criar novas formas de resistência: comprar um batom roxo ou uma tinta azul para pintar o cabelo não tem o mesmo sentido que comprar uma química para alisá-lo ou gastar muito dinheiro no salão de beleza para conseguir ficar em paz na faculdade ou no ambiente de trabalho. (ROCHA; SOARES, Blogueiras Negras, 2016)

No final, o propósito é sempre o mesmo: lutar e resistir numa sociedade desigual, independentemente de como vai moldar esse enfrentamento, como mostram as jovens feministas negras.

A blogueira Viviana Santiago, ainda em RESISTÊNCIA, nos apresenta diversas questões que precisam ser debatidas para que a luta, de fato, tenha

resultados concretos. Para a blogueira é de extrema urgência que hajam reformas profundas para que ocorra a mudança de status da mulher negra. Mesmo depois da criação da Lei 10.339/03¹⁰, de cotas raciais nas universidades, e de tantas outras conquistas das pessoas negras, ainda se torna difícil o acesso a um ensino que efetivamente valorize e dissemine o conhecimento sobre a história e a cultura dos negros. Em seu discurso, declara que enfrentar a sociedade racista é incomodar a branquitude e que precisamos assumir o controle da narrativa e buscar uma narrativa que de fato faça esse papel de incômodo. Observamos novamente, no discurso da blogueira, a disposição em incentivar outras mulheres negras a terem uma visão crítica e o interesse em participar da luta.

A preocupação do Blogueiras Negras em trazer pautas de diferentes âmbitos sobre a mulher negra é bastante notável. Na categoria SAÚDE E BELEZA, a blogueira Nathalia Santos nos apresenta uma reflexão sobre a presença das mulheres negras bissexuais e sobre o quão difícil é para elas manterem-se na sociedade. Além de enfrentarem o machismo da sociedade, lidam com o julgamento de grupos dos quais aparentemente receberiam o apoio para legitimar a luta, como os LGBTs e movimentos de esquerda. O patriarcado define e impõe o que é feminino e masculino, independentemente dos desejos dos sujeitos. Desde a infância a sociedade determina a sexualidade de cada criança como por exemplo, incentivando meninas a brincarem de boneca, cozinha, usar roupas rosas e meninos a brincarem de carrinho, futebol e usar roupas azuis. A blogueira relata que há uma dificuldade enorme de romper com essas imposições que são colocadas nos sujeitos. Por esses e outros motivos que até mesmo uma aceitação interna demanda um longo processo, para após esses sujeitos conseguirem externar as suas vontades.

10 A lei 10.339/03 obrigada o ensino sobre a História e a Cultura Afro-Brasileira, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

Sobre lesbianidade e bissexualidade, a blogueira Aline Djokic expressa-se em um poema, na categoria ESTILO DE VIDA:

Uma lésbica é uma mulher à espera dela mesma.
Uma lésbica é uma visão terrível de si mesma sem o binômio patriarcal.
Uma lésbica tem as minhas mãos.
Tem nem sempre os meus seios.
Tem nem sempre uma vulva.
Mas me tem.
E eu quero muito.
De todos os tons, formas e desejos. (DJOKIC, Blogueiras Negras, 2016)

Consideramos que a representatividade importa e muito, por isso se torna essencial inspirações e relatos de mulheres negras em todas as situações, de todas as orientações sexuais e em qualquer posição na sociedade.

Na categoria ESTILO DE VIDA o tema moda é apresentado a partir de um discurso sobre apropriação cultural, que produz sentido na medida em que constrói um pensamento analítico sobre o tema. A blogueira Caroline Ferreira, destaca o quanto o modelo padrão eurocêntrico aniquila a cultura dos oprimidos, apagando diariamente a sua memória, cultura, religião, culinária e qualquer vestígio de adereços utilizados como meio de resistência. Além disso, reforça que a indústria da moda, com apoio da mídia, banaliza os aspectos, desfaz ideais e os diminui à sua mera utilização, entretanto, lucram com a cultura negra.

A cultura ainda dominante impõe e propaga a segregação e o elitismo, dia após dia. Não há como ver - com bons olhos - a apropriação de culturas marginalizadas, aliás, quem os marginaliza é quem se apropria.” (FERREIRA, Blogueiras Negras, 2017)

Avaliamos o texto da blogueira e refletimos que além da sociedade machista, racista e classista tratar os corpos das mulheres negras como hipersexualizados, assassiná-las ou mantê-las em cargos de subalternação, oprimi-las de diversas formas, agredi-las física e psicologicamente, têm a audácia de

sentirem-se no direito da apropriação sobre o que é de origem do povo negro, como sua história, cultura, enfim, suas raízes. No texto a blogueira nos abre uma série de indagações em relação a forma como a sociedade se estrutura e traz diversos questionamentos que devem ser debatidos mas que, cotidianamente, acabam ficando por esquecidos.

No esporte, assim como em todos os setores da sociedade, o racismo age fortemente. O caso de racismo sofrido pelo atleta Ângelo Assumpção, da Seleção de Ginástica Artística Brasileira, na qual seus colegas fizeram piadas racistas com a vítima e após publicaram nas redes sociais, foi comentado no Blogueiras Negras por Joseane Silva Souza, na categoria ESTILO DE VIDA. A blogueira problematiza o caso, que posteriormente gerou um novo vídeo feito pelos colegas da vítima desculpando-se com o Ângelo.

Brincadeira na qual só um grupo se diverte enquanto que o outro se sente diminuído, despreza? Não pode. (...) Ser comparado a um saco de lixo, a um item quebrado, danificado, com insumo de ser visto como inferior, por ser negro, não pode ser encarado nunca como uma brincadeira. Passar por isso e ser exposto em rede nacional para servir de mais chacota aos outros racistas de plantão, não é brincadeira. (SOUZA, Blogueiras Negras, 2015)

À época, a punição para os atletas foi a suspensão de 30 dias, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva da ginástica se disse incapaz de julgar o caso. A omissão dos dirigentes, o pedido de desculpas feito por vídeo e postado nas mídias sociais, o silenciamento da vítima obedecendo ordens, a não denúncia de injúria racial na Justiça comum e a manipulação da mídia, geraram uma comoção por uma parte da população que alegou que o caso era isolado e deveria ser “perdoado”, já que os atletas teriam se desculpado e aprendido com o ocorrido. Infelizmente, foi apenas mais um acontecimento que acaba sem penas legais e com um simples pedido de desculpas. As práticas de reprodução do discurso racista ainda são naturalizadas e pouco questionadas, em relação ao que deveriam ser.

Sobre o mercado de trabalho para as mulheres negras, como já vimos, elas ocupam a base da pirâmide social, e isso se reflete também nas ocupações profissionais. Mas, não satisfeitas com essa colocação, muitas delas buscam outras formas de se manterem. O trabalho autônomo é uma dessas opções, mas para sermos mais pontuais, falaremos das mulheres negras que utilizam da internet como um meio financeiro. A dificuldade de se encontrar no mercado de trabalho leva as mulheres negras a vislumbrar novos horizontes. A atuação dessas mulheres nas mídias sociais, geralmente, se constroem de forma a contribuir para o debate sobre feminismo, representatividade e empoderamento. Para além da questão de popularidade, essas mulheres buscam visibilidade e reconhecimento pelo seu trabalho. Embora as pautas trazidas por essas mulheres, por exemplo no YouTube, serem de extrema urgência, ainda há grande dificuldade de se destacarem no meio de um bombardeio de canais. Ainda na categoria ESTILO DE VIDA, a blogueira Rebeca Nascimento, aponta em seu escrito a dificuldade que teve de criar coragem para lançar o seu canal no YouTube, nomeado de Beca com Cê. São muitas questões que envolvem esse tipo de trabalho como um bom local para as gravações, câmera, computador, software para edição e também técnicas para aplicação dessa edição, apuramento de pautas e, é claro, desenvoltura em frente a câmera. Depois de obter toda essa estrutura vem a parte mais difícil, conquistar o público. Independente das dificuldade e dos desafios que estão fadados às mulheres negras que arriscam atuar em diferentes formas de trabalho, é necessário que se arrisque. A blogueira faz um desabafo:

Eu honestamente ainda não sei bem que rumo meu trabalho vai tomar, mas sei que pras coisas funcionarem mesmo pra gente, precisaremos umas das outras e que esse trabalho de fortalecimento deve acontecer por maior visibilidade de causas, por menos racismo nas redes e por nós mesmas. (NASCIMENTO, Blogueiras Negras, 2015)

A mídia alternativa atua como uma válvula de escape, possibilitando que o mundo seja apresentado com um novo olhar. Um olhar mais crítico e criativo; que foge do que é padronizado; que problematiza as questões sociais, raciais e de gênero; que instiga um pensamento mais analítico e que de fato seja capaz de gerar novos resultados para uma transformação na sociedade. Um exemplo disso é a série “Dear White People¹¹”. Através dela muitos negros e negras se identificaram nas personagens que lutavam diariamente contra o racismo que atuava fortemente naquela universidade. A blogueira Jaqueline de Oliveira e Silva relata que estava ansiosa para o início da série, que teve sua estréia em 28 de abril de 2017.

Desde que saiu o anúncio dessa série imaginei que precisaria de estômago para assisti, e que provavelmente ficaria mal por algumas horas, ou dias. E é o que está acontecendo. Está tudo ali: os estereótipos a que estamos sujeitas, a solidão da mulher negra, o desencaixe no mundo universitário, as pressões estéticas, as acusações de racismo reverso, o ‘sofrimento’ dos brancos quando eles se sentem “peixes fora d’água” por um dia, passando o que nós passamos a vida toda. E que se reconhecer nisso é uma mistura de “nossa, que alívio, eu não sou louca” com “que mundo escroto do caramba”. (E SILVA, Blogueiras Negras, 2017)

A Youtuber Nátaly Neri afirma que o combate ao racismo pode atuar de várias formas e que a negritude não é vivida apenas de uma maneira, a partir de uma só ótica e com apenas um comportamento. “Somos tão plurais, somos tão diferentes, viemos de espaços tão distintos, então porque nossos posicionamentos dentro do movimento e com a nossa realidade seriam o mesmo (...) existir já é lutar.” (NERI, Afros e Afins¹², 2017)

11 Uma série original da Netflix baseada no filme de 2014 de mesmo nome. A série acompanha um grupo de estudantes negros de uma importante universidade dos Estados Unidos, cuja maioria dos alunos é branca. Ela retrata como esses personagens lidam com o racismo no campus da universidade

12 Afros e Afins é o canal de Nátely Neri, que tem como objetivo incentivar a autonomia de quem assiste, discutir questões importantes sobre feminismo, racismo e desigualdades, apresentar tutoriais de maquiagem e cabelo.

TABELA 7 - LISTA DE TEXTOS ANALISADOS NO BLOGUEIRAS NEGRAS

| CATEGORIA | PRODUÇÃO | BLOGUEIRA | DATA |
|----------------|---|--|----------|
| IDENTIDADE | “A morte em mim” | Simone Pereira | 06/10/17 |
| IDENTIDADE | “O ambiente acadêmico nos mira na cabeça | Juliana Costa | 24/11/17 |
| IDENTIDADE | “Nota de solidariedade e reivindicação às cinco mulheres assassinadas em Itajá - Rio Grande do Norte” | Coletivos | 16/07/15 |
| IDENTIDADE | “Educando crianças feministas - uma reflexão sobre o manifesto de Chimamanda Adichie” | Patrícia Anunciada | 05/05/17 |
| IDENTIDADE | “Intolerância religiosa” | Laísa Gabriela Sousa | 13/09/16 |
| IDENTIDADE | “Universidade em negrito” | Raescla Ribeiro de Oliveira | 22/09/16 |
| RESISTÊNCIA | “A abolição e a mulher negra: o significado do 13 de maio” | Larissa Santiago | 13/05/14 |
| RESISTÊNCIA | “Por um feminismo interseccional e inclusivo” | Patrícia Anunciada | 25/10/17 |
| RESISTÊNCIA | “Geração tombamento - a juventude negra e suas novas formas de fazer política” | Bruna Rocha e Samira Soares | 07/07/16 |
| RESISTÊNCIA | “A luta das mulheres negras deve incomodar a branquitude” | Viviana Santiago | 04/10/17 |
| RESISTÊNCIA | “Mulher negra e genocídio: a necessidade de um recorte de gênero” | Gabriela Gonçalves | 09/10/14 |
| SAÚDE E BELEZA | “Por que eu sempre tenho que ser forte? Sobre psicologia, racismo e vazio | Mara Gomes | 28/07/15 |
| SAÚDE E BELEZA | “Beleza: com cabelo lindo e autoestima elevada” | Alexsandra Rocha Silva, Loreta Maria Berne, Rachel Quintiliano | 13/09/16 |
| SAÚDE E BELEZA | “Cansada” | Simone Ferreira | 04/12/17 |
| SAÚDE E BELEZA | “Bissexuais (R)existem!” | Nathalia Santos | 07/04/16 |

| | | | |
|----------------|---|-------------------------------|----------|
| ESTILO DE VIDA | “A temática que cerca a apropriação cultura e a ‘moda’ afro” | Caroline Ferreira | 21/08/17 |
| ESTILO DE VIDA | “Nós não entendemos errado, errados são vocês racistas” | Joseane Silva Souza | 20/05/15 |
| ESTILO DE VIDA | “A subjetificação do desejo” | Aline Djokic | 20/09/16 |
| ESTILO DE VIDA | “Mulheres negras e YouTube: não é por popularidade é por visibilidade” | Rebeca Nascimento | 08/07/16 |
| CULTURAL | “Farofa fria: aos modos de vó” | Isabella Santos | 24/12/14 |
| CULTURAL | “Ato de transfiguração, desaparecimento ou receita para fazer um santo” | Val Souza | 13/11/17 |
| CULTURAL | “Carta às mulheres negras visíveis” | Janete Ribeiro | 11/10/17 |
| CULTURAL | “Ver, sentir, digerir: algumas impressões em torno de “Dear White People” | Jaqueline de Oliveira e Silva | 04/05/17 |

6.3 O tratamento dos resultados

Para formular o tratamento dos resultados, a partir dos 23 temas analisados, elencamos as 12 palavras mais referidas nos textos. As palavras selecionadas e o número de escritos que elas aparecem são, respectivamente: Racismo/ Racista (13), Femicídio/ Genocídio (5), Feminismo/ Feministas (5), Estereótipo (4), Violência (4), Militância (4), Luta (3), Machismo/Sexismo (3), Igualdade (3), Força/Empoderamento (3), Resistência (2), Identidade (2).

TABELA 8

| | Identidade | Resistência | Saúde e beleza | Estilo de vida | Cultural |
|-----------------------|------------|-------------|----------------|----------------|----------|
| Racismo/ Racista | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 |
| Femicídio/ Genocídio | 1 | 3 | - | - | 1 |
| Feminismo/ Feministas | 2 | 1 | 1 | 1 | - |

| | | | | | |
|-------------------------|---|---|---|---|---|
| Estereótipo | 2 | 1 | - | - | 1 |
| Violência | 2 | 1 | - | - | 1 |
| Militância | - | 1 | 1 | 1 | 1 |
| Luta | 1 | 1 | - | 1 | - |
| Machismo/ Sexismo | 1 | 2 | - | - | - |
| Igualdade | 1 | 1 | - | 1 | - |
| Força/ Empoderamento | - | 2 | - | - | 1 |
| Resistência | 1 | 1 | - | - | - |
| Identidade | - | 1 | - | - | 1 |

6.4 Comunicação no Blogueiras Negras

Guiamos nossa análise a partir das 12 palavras selecionadas como principais dominantes no Blogueiras Negras. Pelo conceito da semiótica determinamos essas palavras como significantes, que criam significado (conceitos mentais) na elaboração dos textos. Os signos, que seriam justamente a conexão entre significantes e significado, organizados em linguagens, produzem sentido ao serem usados referenciados as pessoas e os acontecimentos relatados no blog. Como somos nós que damos sentido às coisas, nós que estabelecemos os significados dados a cada elemento que compõe o blog. Esses significados só são compostos em nossas mentes devido a cultura que estamos inseridos. Para Hall (2015), o discurso construído na cultura é capaz de influenciar e organizar os sujeitos.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmo. (HALL, 2005, p .50)

Dessa forma, entendemos a construção da estrutura social brasileira como algo que sempre nos foi imposto. Nós só crescemos com essas tradições, esses preconceitos e desigualdades, pois já nascemos em uma nação que se estrutura dessa maneira. A reprodução da desigualdade social, do machismo, racismo e qualquer outro tipo de discriminação é internalizada nos sujeitos como algo natural e por isso ainda atua fortemente em nosso país. Entretanto, há muitos anos, como vimos, os movimentos sociais reivindicam igualdade para todos. Embora essa agitação tenha gerado resultados, as mulheres negras são se viam representadas por essas organizações. Então surgiu o feminismo negro, que aponta os marcadores sociais que apenas mulheres negras possuem.

Um dos lugares onde esse movimento ganhou mais força foi no ciberespaço. A utilização da internet como ferramenta de comunicação tem trazido resultados no que diz respeito a luta feminina negra. O Blogueiras Negras atua como um espaço de ativismo e resistência da mulher negra. Todavia, é interessante ressaltar que a imagem da mulher negra na sociedade ainda está em construção e transformação. “A identidade está envolvida no processo de representação” (Hall, 2005, p.70).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs, originalmente, a confirmar a hipótese de que o blog Blogueiras Negras atua como um espaço de ativismo e resistência da mulher negra. O objeto de estudo foi a leitura de 23 produções de blogueiras, que variaram entre 2014 e 2017, com o intuito de verificar de que maneira são abordadas as pautas e como funciona a comunicação das blogueiras com o público. Tendo em vista os conceitos Laços Sociais, Interações e Ator Social, abordados no presente trabalho, podemos afirmar que o Blogueiras Negras, sendo uma rede social, tem um caráter de blog coletivo, portanto é um blog grupal (PRIMO, 2008) e que mantém as relações através dos laços sociais, que são as conexões entre os atores que estão

envolvidos nas interações. Verificamos que no Blogueiras Negras os laços são associativos (RECUERO, 2009) pois, devido a normas estabelecidas pelo blog, não é possível que seja feito um comentário e imediatamente publicado, os comentários são avaliados pelas coordenadoras e após publicados, ou não. Isso se configura em uma troca determinada, prevista, ou seja, a interação é reativa (PRIMO, 2000). A comunicação no blog é, portanto, assíncrona, pois não há expectativa de resposta imediata, embora possa acontecer, as administradoras levam algum tempo para dar qualquer tipo de retorno.

O papel do indivíduo na construção de sua própria rede é preponderante. Apesar de ser um blog administrado por apenas duas mulheres, todas as que produzem textos para o site foram consideradas, no presente trabalho, como blogueiras. Logo, tanto as administradoras, quanto as demais blogueiras, atuam como atores sociais do Blogueiras Negras. O blog sendo a representação do ator social, atuando como um espaço de interação que possibilita a expressão e socialização das pessoas, permite que as blogueiras tenham um lugar de fala e então manifestem-se através dessa ferramenta de comunicação. Outra característica analisada no blog é a de que ele tem um papel de troca de bens, suporte emocional, companheirismo e acolhimento.

Gostaríamos de ressaltar que no presente trabalho chamamos de blogueira todas as mulheres que têm publicações no Blogueiras Negras, por entender que aquele ambiente valoriza cada palavra das mulheres que dispuseram de tempo para contribuir com o debate sobre a luta e a resistência da mulher negra. Independente de qual posição social essas mulheres ocupam, ali elas são formadoras de opiniões e contribuem para a disseminação do conhecimento das mulheres negras.

De receitas de comidas, relatos pessoais, texto depressivos, inspiradores, incentivadores, de acolhimento, empoderamento, resistência, quebra de estereótipos, militância, identidade, entre outros temas, o Blogueiras Negras se

constrói. Na sua organização o blog cria uma maneira única de interagir com o público. Para as mulheres negras ele atua como um espaço de acolhimento, onde criam-se laços sociais, que vão além de uma comunicação mediada por computador. Por ele atuar de forma colaborativa, com produções de mulheres negras de todo o país, já se torna um espaço diferenciado, onde a construção de novas ideias é compartilhada e formada junta. Cada interação ocorrida no blog dá-se de maneira distinta de outra, possibilitando sempre novos modos de comunicação. Além disso, o blog é capaz de construir novos tipos de identidades.

Em suma, percebemos que o Blogueiras Negras efetivamente atua como um espaço de ativismo e resistência da mulher negra. Por mais que as pautas do blog não se limitem às questões da mulher negra, em sua grande maioria é esse o tema abordado. Buscando sempre valorizar a imagem da mulher negra e procurando novos tipos de representação da mesma, o blog dissemina o conhecimento feminino negro e empodera mulheres de todo o país.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **Sejamos todos feministas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Tradução Christina Baum.

AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra Portella; RECUERO, Raquel. **Blogs: mapeando um objeto**. 2008. Universidade Federal Fluminense - GT História da Mídia - VI Congresso Nacional de História da Mídia. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Blogs%20Mapeando%20um%20objeto.pdf>>

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, Lda. Lisboa- Portugal, 2010. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas: feminismo na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. 2012. Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em Estudos interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf> >

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e esperança - movimentos sociais na era da internet**. Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro, RJ. Tradução de Carlos Alberto Medeiros 2012. Disponível em: <https://ciberconflitos.files.wordpress.com/2014/10/castells_redes-de-indignacao-e-esperanca.pdf>

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. University of California - Los Angeles, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf> >

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. 2013. Tradução Livre Plataforma Gueto. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/165852/mulheres-rac3a7a-e-classe.pdf>>

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na sociedade brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2005. Tradução Guacira Lopes Louro.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. Estudos feministas. Ano 3, 2º semestre, 1995. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>>

MOREIRA, Núbia. **Movimento feminista negro no Brasil | Núbia Moreira**. Café Filosófico CPFL, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TQa0La1YIFw>>

NERI, Nátaly. **Dear White People (Cara gente branca) o que eu achei - sem spoilers**. Afros e Afins, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RxwEm8i3Kzg&t=7s>>

NUNES, Nathalia de Oliveira. **Roubadinhas: um estudo de diferenciais competitivos em blogs profissionais**. 2016. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Programa de Pós Graduação em Administração - Especialização em Marketing. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158379/001021930.pdf?sequence=1>>

OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. **Narrativas em rede: feminismo negro nas redes sociais**. 2016. Universidade Federal de Sergipe - Programa de Pós Graduação em Sociologia - Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/snsufs/article/view/6080/5093>>

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. **Blogs como espaços de conversação: Interações conversacionais na comunidade de blogs insanus**. 2005. Núcleo de Estudo de Tecnologias Informacionais da Comunicação - V Encontro dos Núcleos de Pesquisa Intercomdo -XXVIII INTERCOM - ECO- UERJ, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/conversacao.pdf>>

PRIMO, Alex. **Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo**. 2000. Revista FAMECOS - Porto Alegre. Disponível em <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf>

PRIMO, Alex. **Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera**. 2008. Revista FAMECOS - Porto Alegre. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/revista_famecos.pdf>